

Modiano, Eduardo M.

Working Paper

Energia e economia: um modelo integrado para o Brasil

Texto para discussão, No. 52

Provided in Cooperation with:

Departamento de Economia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Suggested Citation: Modiano, Eduardo M. (1983) : Energia e economia: um modelo integrado para o Brasil, Texto para discussão, No. 52, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Departamento de Economia, Rio de Janeiro

This Version is available at:

<https://hdl.handle.net/10419/186300>

Standard-Nutzungsbedingungen:

Die Dokumente auf EconStor dürfen zu eigenen wissenschaftlichen Zwecken und zum Privatgebrauch gespeichert und kopiert werden.

Sie dürfen die Dokumente nicht für öffentliche oder kommerzielle Zwecke vervielfältigen, öffentlich ausstellen, öffentlich zugänglich machen, vertreiben oder anderweitig nutzen.

Sofern die Verfasser die Dokumente unter Open-Content-Lizenzen (insbesondere CC-Lizenzen) zur Verfügung gestellt haben sollten, gelten abweichend von diesen Nutzungsbedingungen die in der dort genannten Lizenz gewährten Nutzungsrechte.

Terms of use:

Documents in EconStor may be saved and copied for your personal and scholarly purposes.

You are not to copy documents for public or commercial purposes, to exhibit the documents publicly, to make them publicly available on the internet, or to distribute or otherwise use the documents in public.

If the documents have been made available under an Open Content Licence (especially Creative Commons Licences), you may exercise further usage rights as specified in the indicated licence.

DEPARTAMENTO DE ECONOMIA
PUC/TJ
Junho 1983

TEXTO PARA DISCUSSÃO
Nº 52

ENERGIA E ECONOMIA:
UM MODELO INTEGRADO PARA O BRASIL

Eduardo M. Modiano

I - Introdução

Imediatamente após o primeiro choque de preços do petróleo, ocorrido em 1973, observou-se na literatura econômica dos países mais desenvolvidos uma proliferação de modelos integrados de planejamento econômico/energético. Enfatizando as interrelações entre o setor energético e o resto da economia, estes modelos pretendiam simultaneamente avaliar o impacto tanto de alternativas de política econômica sobre a configuração futura do setor energético quanto de alternativas de política energética sobre a evolução do resto da economia. Com esta perspectiva de análise foram desenvolvidos, entre outros, os modelos integrados: DRI (Data Resources Institute) por Hudson e Jorgenson (1974, 1976); PIES (Project Independence Evaluation System) por Hogan (1975); ETA (Energy Technology Assessment) e posteriormente ETA-MACRO por Manne (1976, 1979); DRI-Brookhaven por Hoffman e Jorgenson (1977) e PILOT (The Stanford Pilot Energy/Economy Model) por Connolly et.al. (1979). A competitividade entre fontes alternativas de energia, os preços relativos da energia no equilíbrio de longo prazo, a realocação dos fatores de produção da economia para o setor energético e o redirecionamento do investimento setorial foram algumas das questões em que se concentrou a utilização destes modelos.

Nos países em desenvolvimento a elaboração de modelos de grande porte para a análise da questão energética encontra diversos obstáculos. Os níveis diversos de desenvolvimento econômico e social, as singularidades do leque de alternativas de substituição da energia importada, bem como a incomparável disponibilidade de informações sobre o setor, tanto em abrangência quanto em cronicidade, dificultam uma mera transposição de modelos de planejamento energético. Além disso, as limitações de curto prazo assumem na maioria dos países em desenvolvimento, pressionados pelo endividamento externo, pelo desemprego e pelo processo inflacionário, intensificados pelos choques do petróleo, proporções semelhantes à necessidade de mudanças estruturais de médio e longo prazo, vislumbradas pelos grandes modelos de energia.

Neste artigo é desenvolvido um modelo de pequeno porte das interrelações entre o setor energético e o resto da economia para o Brasil. Em sua formulação são consideradas especificamente as características estruturais e institucionais da economia brasileira, inclusive o setor energético, que em alguns aspectos se assemelham às de outros países em desenvolvimento. Embora, em termos das linhas gerais de concepção e metodologia, tenha sido mantido o formato básico dos modelos citados, a especificação é marcadamente distinta devido a ênfase dada ao curto e médio prazo.

O diagrama da Figura 1 descreve sumariamente as interrelações básicas do modelo integrado energia/economia. O modelo é composto por dois módulos: i) o módulo macroeconômico (descritivo) caracteriza, através de equações comportamentais estimadas econometricamente e identidades contábeis, a economia brasileira;

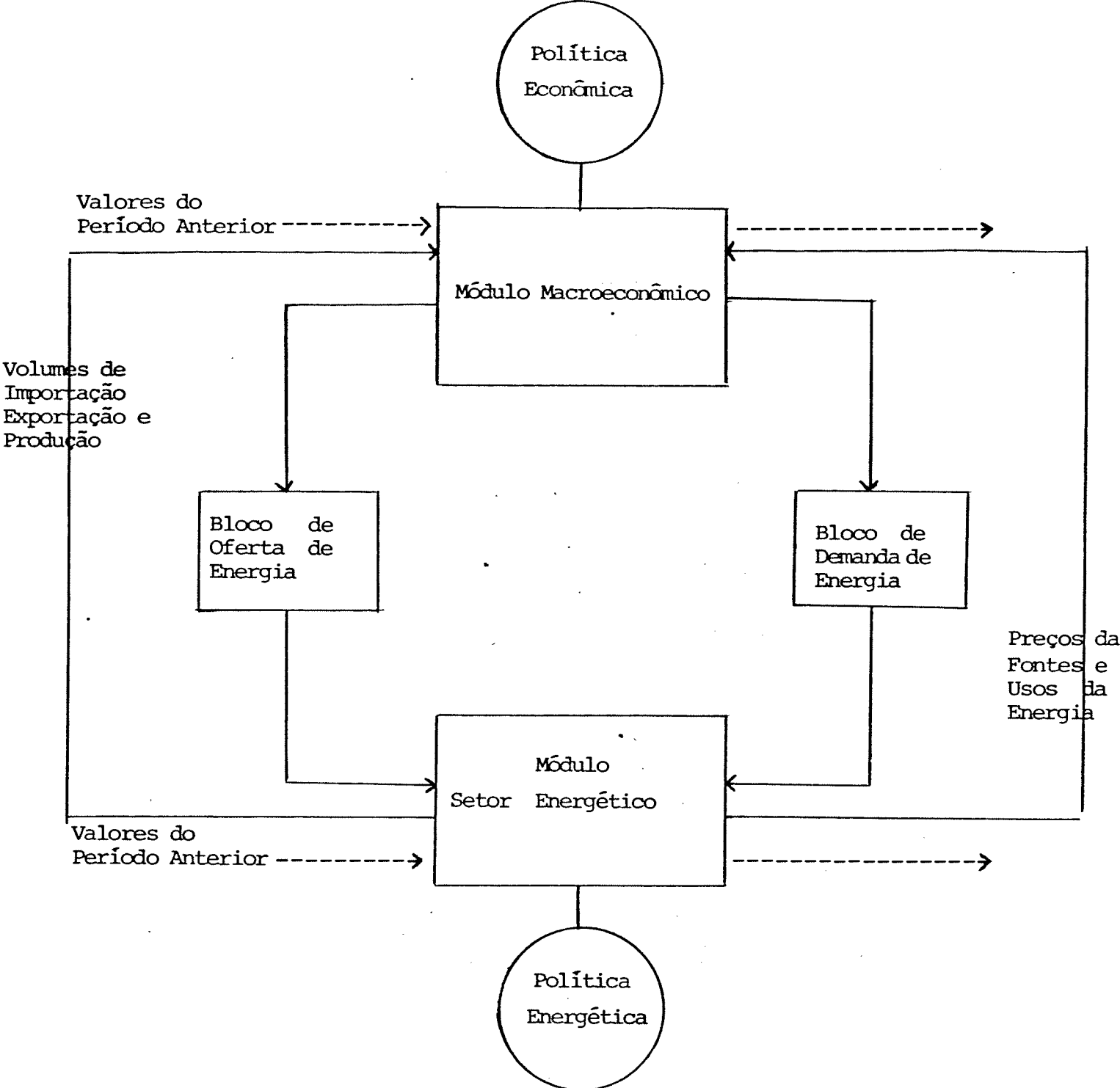


FIGURA 1

Esquema Básico do Modelo Integrado

ii) o módulo energético (normativo) estabelece, através da solução de um problema de otimização, que determina um equilíbrio econômico, uma configuração para o setor que compatibiliza as ofertas e demandas por formas de utilização final e por fontes primárias de energia. Na interface entre os dois módulos, as demandas e ofertas do setor são relacionadas aos agregados macroeconômicos pelos blocos de Demanda e Oferta de Energia.

A operação do modelo integrado está também indicada na Figura 1. O processo é inicializado no módulo macroeconômico com a geração de estimativas de alguns agregados de produção interna e de preços, a partir da evolução prevista das variáveis de política econômica (monetária, fiscal, cambial e salarial) e de conjuntura internacional (comércio e inflação mundial, etc). Em seguida, os blocos de Demanda e Oferta de Energia, que constituem os elementos de ligação entre os módulos, especificam as funções de demanda final e oferta primária de energia como função apenas dos preços, utilizando as estimativas dos agregados macroeconômicos. Torna-se, então, possível completar a formulação de um problema de otimização, no módulo representativo do setor energético nacional, que determine os preços e as quantidades que equilibram as ofertas e demandas por energia. A solução de equilíbrio no setor energético, quando repassada ao módulo macroeconômico, completa um quadro para a evolução da economia brasileira no período.

A exemplo do modelo BNL/TESOM (Brookhaven Time-stepped Energy System Optimization Model) desenvolvido por Lukachinsky et. al. (1979), o encadeamento para-a-frente no horizonte de planejamento caracteriza a dinâmica do modelo integrado. Assim, a solução obtida para um determinado período pode ser utilizada na

iniciação das simulações para os períodos subsequentes, através do ajustamento das variáveis de estoque e da calibração das variáveis defasadas.

Em seguida a esta introdução, na seção II, são apresentados os fundamentos teóricos, que permitem a integração dos módulos macroeconômicos e energético. Na seção III é descrita a aplicação desta estrutura teórica ao setor energético brasileiro. A natureza das principais restrições à operação do setor energético e as especificidades das ofertas e demandas de energia no Brasil são discutidas ainda nesta seção. A especificação do módulo macroeconômico do modelo integrado é apresentada na seção IV. Após uma breve discussão dos aspectos estruturalistas, que caracterizam esta estilização da economia brasileira, são descritos os sete blocos que compõem o módulo. Finalmente, na seção V são apresentados os resultados de simulações com o modelo integrado para o período 1983/1990, correspondentes a três cenários alternativos para a evolução do preço internacional do petróleo.

II. Fundamentos Teóricos da Integração do Modelo

O setor energético nacional está representado no modelo integrado através de um problema de otimização que permite determinar a função:

$$\phi(s,d) = \text{custo mínimo de atender a demanda por produtos finais } d \text{ quando a disponibilidade de insumos é dada por } s.$$

Supondo que as transformações do setor energético tenham coeficientes técnicos fixos, a função ϕ pode ser derivada através da solução de um problema de programação linear cujo formato básico é:

$$\begin{array}{ll} \phi(s,d) = \min & cx \\ \text{s.a.} & A_1 x \leq s \\ & A_2 x \geq d \\ & x \geq 0 \end{array} \quad \begin{array}{l} \text{Variáveis Duais} \\ (\lambda) \\ (\gamma) \\ \end{array} \quad (P)$$

Assim, para dados vetores de oferta de fontes primárias e de demanda de formas finais de utilização de energia, s e d respectivamente, a solução x de (P) indica a configuração de custo mínimo para o setor. As matrizes de coeficientes técnicos A_1 e A_2 representam as eficiências dos distintos processos de transformação da energia. Denota-se por c o vetor de custos unitários destas atividades.

A teoria da dualidade de programação linear permite reexpressar (P) como:

$$\begin{aligned} \Phi(s,d) = \max \quad & \gamma d - \lambda s && \text{Variável dual} \\ \text{s.a.} \quad & \gamma A_2 - \lambda A_1 \leq c && (x) \quad (D) \\ & \gamma, \lambda \geq 0 \end{aligned}$$

onde γ e λ representam as variáveis duais associadas respectivamente às restrições de oferta e demanda. O problema (D) determina um conjunto de preços, denominados preços implícitos, que maximizam o valor da transformação sujeitos a restrições de lucros não-positivos para as atividades.

As soluções ótimas para x , γ e λ devem satisfazer simultaneamente, além das restrições que compõem os problemas (P) e (D), as condições de complementaridade:

$$\lambda (A_1 x - s) = 0 \quad (1)$$

$$\gamma (A_2 x - d) = 0 \quad (2)$$

$$(\gamma A_2 - \lambda A_1 - c)x = 0 \quad (3)$$

Segundo a condição (1), o preço implícito de uma fonte primária de energia se anula em situação de excesso de oferta. De forma simétrica, a condição (2) requer um preço implícito nulo para uma forma final de utilização de energia caracterizada por insuficiência da demanda. Ainda, a condição (3) implica em lucro nulo para as atividades operacionais (utilizadas positivamente) na solução ótima.

Observa-se que, ao variarmos parametricamente s e d em (P), é possível gerar a função de custos Φ . Devido à linearidade

do conjunto de restrições, a função de custos assim derivada não é diferenciável em todos os pontos. No entanto, o conceito de subdiferencialidade de Grinold (1970) permite expressar os preços implícitos como:

$$\frac{\partial \Phi}{\partial s} = -\lambda \quad (4)$$

e

$$\frac{\partial \Phi}{\partial d} = \gamma \quad (5)$$

Assim, o preço implícito γ_i mede a redução do custo decorrente de uma unidade adicional de oferta da fonte primária de energia i . Analogamente, o preço implícito γ_j avalia o incremento no custo de uma unidade adicional de demanda da forma final de energia j . Através de (4) e (5) é, então, possível associar a s e d os conjuntos $\lambda(s)$ e $\gamma(d)$, que representam respectivamente a demanda por fontes primárias e a oferta de formas finais do setor energético.

O programa linear (P) pressupõe a perfeita inelasticidade aos preços das ofertas primárias e das demandas finais. No caso de sensibilidade das ofertas e demandas aos preços torna-se necessária uma reformulação de (P), na linha sugerida por Shapiro (1978), que endogenize a determinação simultânea dos preços e das quantidades. Nesta reformulação, condições triviais de equilíbrio entre oferta e a demanda de insumos e produtos devem ser simultaneamente satisfeitas. De forma genérica, o problema que se coloca é:

$$\begin{aligned}
 & \max \quad a_1 f(d,z) - a_2 g(s,z) - cx \\
 & \text{s.a.} \quad A_1 x - s \leq 0 \quad (E) \\
 & \quad \quad A_2 x - d \geq 0 \\
 & \quad \quad x \geq 0, \quad s \geq 0 \quad \text{e} \quad d \geq 0
 \end{aligned}$$

onde o vetor z denota um conjunto de variáveis exógenas ao equilíbrio entre a oferta e demanda de energia tais como a renda real, a produção industrial e o progresso técnico. Os parâmetros a_1 e a_2 representam imperfeições de mercado que distorcem o equilíbrio competitivo.

Na terminologia neoclássica as funções $-g$ e f representam os excedentes dos produtores de fontes primárias e dos consumidores de formas finais de energia respectivamente. Desta forma o problema (E), que é equivalente a

$$\begin{aligned}
 & \max \quad a_1 f(d,y) - a_2 g(s,y) - \phi(s,d) \\
 & \text{s.a.} \quad s \geq 0 \quad \text{e} \quad d \geq 0, \quad (E')
 \end{aligned}$$

pode ser interpretado, com a_1 e a_2 iguais a unidade, como a maximização do benefício social líquido, o que inclui os excedentes: dos produtores de fontes primárias $-g$; dos produtores de formas finais de utilização da energia $-\phi$; e dos consumidores de formas energéticas para uso final f .

Na prática as funções f e g ficam determinadas após a inversão e a integração das funções de oferta e demanda

$$s = \nabla g^{-1}(q) \quad (6)$$

e

$$d = \nabla f^{-1}(p) \quad (7)$$

estimadas econometricamente. As variáveis q e p , em (6) e (7), denotam respectivamente os preços efetivamente recebidos pelos produtores de fontes primárias e pagos pelos consumidores de formas finais de utilização de energia, denominados preços explícitos.

As condições de otimalidade para o problema (E) são, no caso de uma solução interior ($d > 0$ e $s > 0$), após a substituição de (4) e (5), dadas por:

$$a_1 \nabla f(d) = \gamma \quad (8)$$

e

$$a_2 \nabla g(s) = \lambda \quad (9)$$

Substituindo as definições (6) e (7) em (8) e (9), obtem-se

$$a_1 p = \gamma \quad (10)$$

e

$$a_2 q = \lambda \quad (11)$$

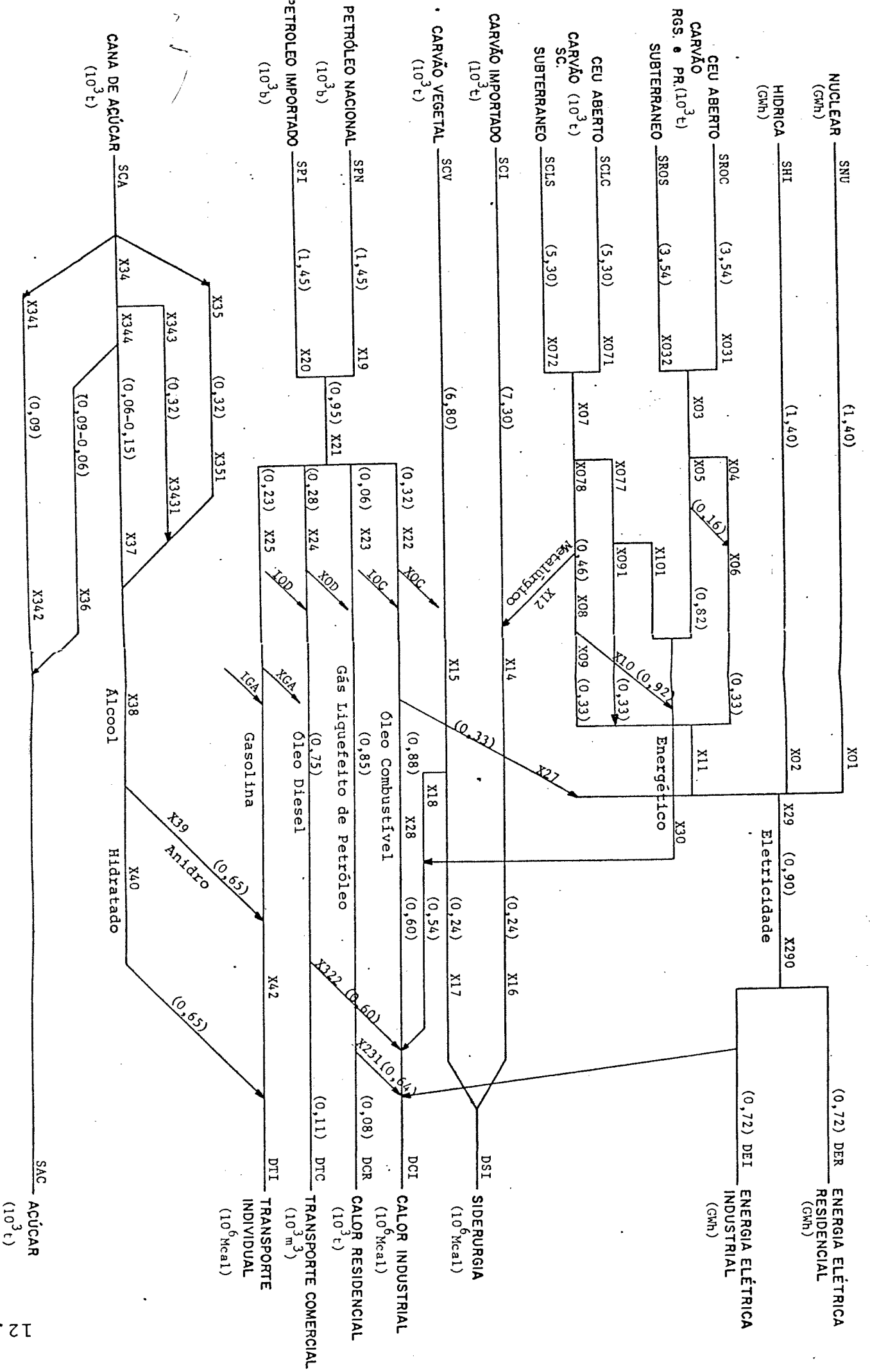
que relacionam os preços explícitos e implícitos das fontes primárias e das formas finais de energia. Observa-se então que na ausência de imperfeições de mercado, ou seja quando a_1 e a_2 são iguais à unidade, o problema (E) gera uma solução eficiente de equilíbrio competitivo. Neste caso tem-se, por (10) e (11), a igualdade

entre os preços explícitos e implícitos dos insumos e produtos do setor energético.

III - Aplicação so Setor Energético Nacional

O setor energético nacional é representado no modelo integrado da Figura 1 por uma rede através da qual a energia flui. Este formato de representação do setor energético baseia-se na Reference Energy System desenvolvido por Hoffman (1973). Os fluxos têm como origem as fontes primárias e como destino as formas de energia finais de utilização. O diagrama da Figura 2 permite visualizar as principais possibilidades de transformação da energia, consideradas neste modelo. As fontes primárias, na extremidade esquerda da Figura 2, incluem as fontes nuclear e hídrica, o carvão mineral e vegetal, o petróleo e a cana-de-açúcar. As formas finais de utilização na extremidade direita da mesma figura, foram agregadas em: eletricidade residencial e comercial, calor residencial e comercial, transporte comercial e individual.

A título de simplificação, o setor energético nacional é caracterizado por uma tecnologia de coeficientes fixos. Os coeficientes técnicos fixos, que compõem as matrizes A_1 e A_2 do problema (E), incluem as eficiências dos diversos processos de transformação assim como os parâmetros de conversão de unidades específicas das fontes e das utilizações para uma unidade comum de energia (milhões de megacalorias). Os números entre parênteses na Figura 2 representam um conjunto típico de coeficientes técnicos, para o ano de 1980.



Rede Representativa do Setor Energético Nacional

Figura 2

A consistência dos fluxos de energia com a disponibilidade de fontes primárias e a necessidade de formas finais é garantida pelas restrições básicas de oferta e demanda do problema (E). Um conjunto de restrições lineares adicionais, do tipo $Bx \leq b$, visando aumentar o grau de representatividade da situação atual e das perspectivas futuras do setor energético nacional, foi incorporado ao problema (E). Condições de equilíbrio energético em nós intermediários da rede, limites de capacidade e possibilidades efetivas de substituição constituem algumas das restrições adicionais.

Observa-se na Figura 2 que a competitividade entre fontes alternativas para a geração de energia, assume diversas formas. Entre estas pode-se citar a competitividade entre: as fontes nuclear e hídrica, o carvão mineral e o petróleo para a geração de eletricidade; o carvão mineral (importado e nacional) e vegetal para o atendimento da demanda da siderurgia; o carvão mineral e vegetal, o petróleo e a eletricidade para a geração do calor para a indústria; o álcool e a gasolina para o atendimento da demanda por transporte individual; o álcool e o açúcar produzidos a partir da cana-de-açúcar; e o refino doméstico e a importação de derivados de petróleo.

As variáveis do problema de otimização (E), que representa o setor energético nacional no modelo integrado, estão também indicadas na Figura 2. Em consonância com a formulação de (E) os fluxos intermediários são simbolizados por um mnemônico inicializado pela letra X, enquanto que as ofertas e as demandas são caracterizadas pelas iniciais S e D respectivamente.

A derivação das funções representativas dos excedentes dos produtores e dos consumidores, que completam a formulação do problema de otimização (E), requer a estimação econométrica de funções de oferta de fontes primárias e de demanda por formas finais de energia. A título de simplificação foram testadas as especificações

$$\log s = \alpha_0 + \alpha_1 \log z + \alpha_2 \log q + \alpha_3 \log s_{-1} \quad (12)$$

e

$$\log d = \beta_0 + \beta_1 \log z + \beta_2 \log p + \beta_3 \log d_{-1} \quad (13)$$

que pressupõem elasticidades constantes e permitem representar tanto um ajustamento instantâneo ($\alpha_3, \beta_3 = 0$) quanto parcial ($\alpha_3, \beta_3 \neq 0$) das quantidades efetivas às desejadas.

A inversão e integração de (12) e (13) resultam nas funções:

$$g(s) = \frac{\alpha_2 \alpha_0^{1/\alpha_2}}{(1 + \alpha_2)} z^{\alpha_1/\alpha_2} s^{\alpha_3/\alpha_2 - 1} s^{(1+\alpha_2)/\alpha_2} \quad (14)$$

e

$$f(d) = \frac{\beta_2 \beta_0^{1/\beta_2}}{(1 + \beta_2)} z^{\beta_1/\beta_2} d^{\beta_3/\beta_2 - 1} d^{(1+\beta_2)/\beta_2} \quad (15)$$

para os excedentes dos produtores e consumidores respectivamente. As funções (14) e (15) tornam-se perfeitamente determinadas após a substituição dos coeficientes estimados (α_i e β_i ; $i=0,1,2$ e 3) e dos valores assumidos pelas variáveis pré-determinadas e exógenas ao módulo representativo do setor energético no modelo integrado (z , s_{-1} e d_{-1}). Esta etapa da integração entre os módulos macroeconômicos e energético é atribuída aos blocos de Oferta e Demanda de Energia da Figura 1.

Dentre as variáveis de oferta de fontes primárias e de demanda por formas finais de energia, identificadas na Figura 2, apenas algumas demonstraram significativa sensibilidade aos preços. Para a cana-de-açúcar a especificação selecionada admite o ajustamento parcial da oferta. A única variável exógena ao setor energético neste caso corresponde a uma medida de tendência do progresso técnico na lavoura canavieira. No caso do calor para os setores industrial e residencial, os melhores resultados foram obtidos com o ajustamento instantâneo da demanda, enquanto que, para a eletricidade industrial e o transporte individual, foram selecionadas especificações de ajustamento parcial da demanda. A renda real é a variável ao setor energético determinante das demandas por formas finais de utilização da energia.

As variáveis de oferta e demanda restantes, que compõem a rede representativa do setor energético nacional da Figura 2, podem ser classificadas em dois grupos: as importações e exportações são caracterizadas pela perfeita elasticidade aos preços internacionais vigentes, enquanto as demais são consideradas perfeitamente inelásticas, sendo fixadas exôgenamente

com base em metas governamentais e projeções do crescimento histórico.

O modelo representativo do setor energético nacional foi calibrado, utilizando-se as relações (10) e (11), através do ajustamento dos parâmetros de imperfeições de mercado a_1 e a_2 à relação entre os preços explícitos observados no ano de 1981 e os preços implícitos computados numa simulação preliminar para o mesmo ano. Note-se que, no caso de um insumo ou produto livremente comercializável no exterior, o parâmetro de imperfeição corresponde à relação entre os preços interno (preço explícito) e externo (preço implícito).

IV. O Módulo Macroeconômico do Modelo Integrado

O arcabouço teórico do módulo macroeconômico do modelo integrado fundamenta-se nos modelos estruturalistas agricultura/indústria, que exploram a coexistência na economia dos setores tradicional e moderno. Esta dicotomia, que caracteriza os modelos de Taylor (1983), Bacha (1982) e Cardoso (1981) entre outros, tem como base comportamentos distintos na formação dos preços setoriais. Enquanto no setor industrial ou moderno, cujo nível de atividade é variável, os preços (rígidos) são fixados em função dos custos, no setor agrícola ou tradicional, cuja oferta é exógena, os preços (flexíveis) são determinados pelas condições de oferta e demanda.

A grosso modo nos modelos teóricos de uma economia assim caracterizada, fechada, e com excesso de oferta de mão-de-obra, o equilíbrio macroeconômico se estabelece em dois estágios:

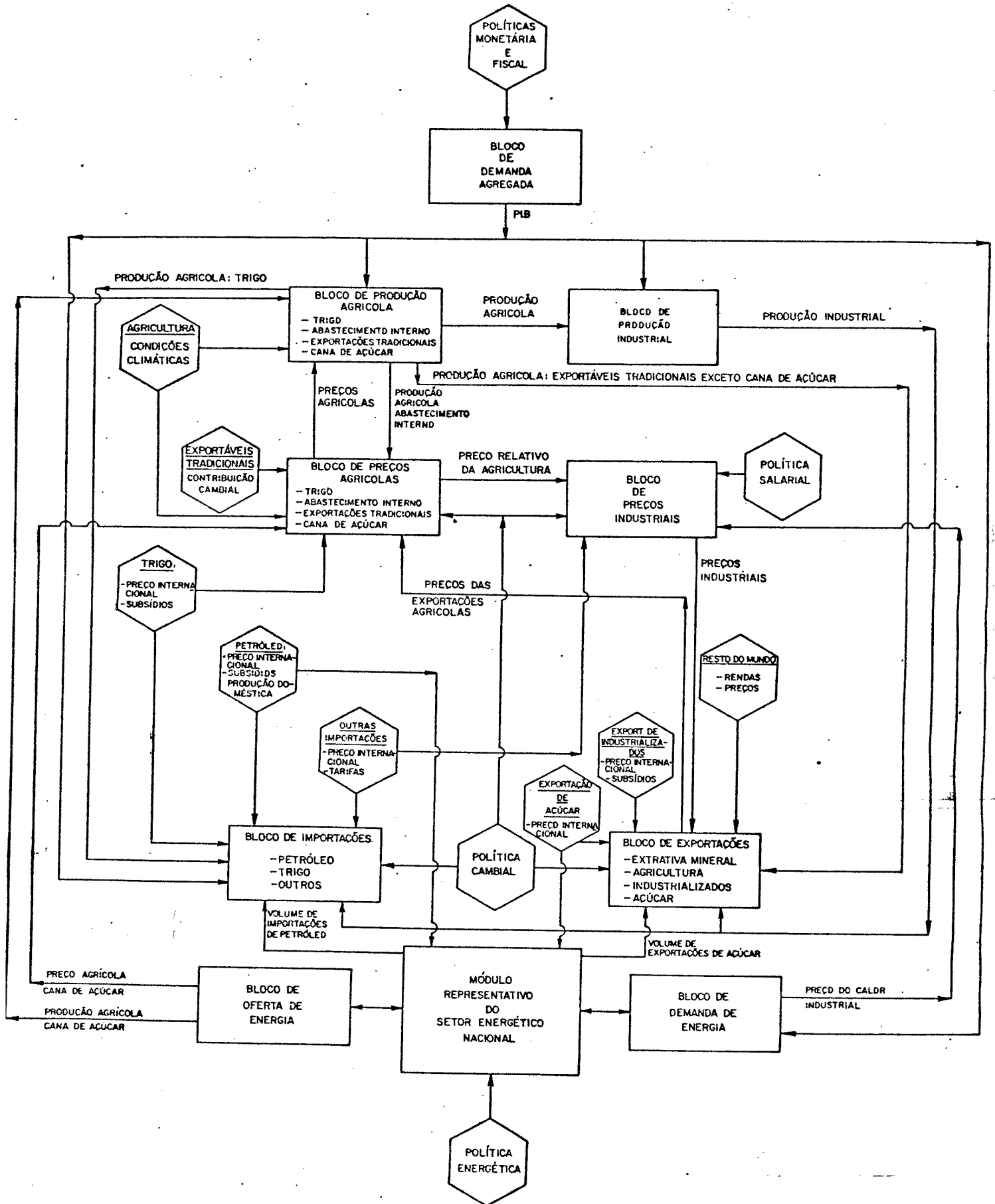
i) num primeiro estágio, dada a exogeneidade da oferta agrícola, o equilíbrio de mercado permite relacionar o preço relativo agricultura/indústria ao nível de atividade ou emprego industrial, que condiciona a demanda pelo produto agrícola; ii) num segundo estágio, dada a rigidez dos preços industriais, políticas de demanda agregada (monetária e fiscal) determinam, então, o nível de atividade do setor moderno, que equilibra o mercado de produtos industrializados.

A especificação do módulo macroeconômico do modelo integrado pode ser compreendida como uma extensão deste arcabouço teórico ao contexto de uma economia aberta. Enfatizando as interrelações entre os setores internos e externos da economia brasileira distinguem-se: i) dentre a oferta agrícola, os produtos destinados ao abastecimento interno e à exportação, em função da determinação (interna ou externa) dos preços domésticos; ii) dentre as importações, o trigo, o petróleo e os outros produtos intermediários que constituem elementos de custo para o setor industrial, devido à existência de políticas específicas de controles e de substituição; e iii) dentre as exportações, os produtos minerais, agrícolas e industrializados (açúcar e outros) em decorrência dos diferentes graus e formas de participação do país nos respectivos mercados internacionais.

Nesta concepção da economia aberta, o controle da demanda agregada cumpre um papel adicional à determinação da produção industrial e do preço relativo do produto agrícola de (abastecimento interno). Num terceiro estágio do equilíbrio macroeconômico, as políticas monetária e fiscal determinam, em con-

junto com a política cambial, a demanda por importações e a oferta de exportações, vinculadas ao nível de atividade do setor industrial.

Esta representação estilizada da economia brasileira é detalhada a seguir, através da descrição dos sete blocos em que podem ser subdivididas as equações comportamentais e as identidades contábeis, que compõem o módulo macroeconômico do modelo integrado. As principais interligações entre os blocos do módulo macroeconômico podem ser identificadas através da Figura 3. Maiores detalhes quanto à estimação das especificações econométricas podem ser encontrados em Modiano (1982). Uma versão alternativa do módulo macroeconômico, que exclui as interligações com o módulo representativo do setor energético nacional, é descrita por Modiano (1983).



Principais Interligações entre os Blocos do Módulo Macroeconômico

Figura 3

Bloco de Demanda Agregada

O bloco de demanda agregada é composto de uma única equação que corresponde à forma reduzida de um modelo estrutural de equilíbrio nos mercados monetário e de bens. Esta equação, estimada por Lara-Resende e Lopes (1981) estabelece uma relação direta entre as taxas de crescimento da renda real, da oferta real de moeda e da participação do Governo na renda.

Bloco de Produção Agrícola

O setor agrícola do módulo macroeconômico é desagregado em dois subsetores: o subsetor de produção de exportáveis tradicionais e o subsetor de produção para o abastecimento interno. A principal distinção entre estas duas categorias de produtos agrícolas se refere à formação dos preços. Enquanto o preço doméstico dos exportáveis tradicionais está vinculado às flutuações de preços no mercado internacional, o preço dos produtos para o abastecimento interno depende basicamente das condições internas de oferta e de demanda.

Dentre os exportáveis tradicionais destaca-se a cana-de-açúcar devido às possibilidades de sua transformação tanto em açúcar para o consumo interno e a exportação, quanto em álcool carburante em substituição à gasolina, derivada do petróleo importado. A produção corrente de cana-de-açúcar é exógena ao módulo macroeconômico, sendo determinada no equilíbrio entre a oferta e a demanda, que resulta da solução do problema de otimização (E).

Uma equação para a produção de exportáveis tradicionais ~~exclusive-cana-de-açúcar~~, estimada econometricamente, complementa as previsões de produção deste subsetor. Esta equação especifica um ajustamento parcial da oferta às variações do próprio preço e do preço da cana-de-açúcar em termos reais, assim como das condições climáticas na lavoura.

No subsetor de produção para o abastecimento interno distingue-se o trigo pela sua participação considerável na pauta de importação brasileiras. Neste caso, a produção corrente é também estimada a partir de uma equação econométrica, que especifica um ajustamento parcial às flutuações dos preços reais do próprio trigo e de seus substitutos, representados pelos expórtáveis tradicionais, e das condições climáticas na lavoura tritícola.

Para o produto de abastecimento interno ~~exclusive~~ — trigo, supõe-se que a produção corrente e o preço são determinados simultaneamente em equilíbrio entre a oferta e a demanda. Admite-se que a oferta destes produtos varia diretamente com o próprio preço em termos reais e com as condições climáticas na lavoura enquanto a demanda está relacionada inversamente com o preço e diretamente com a renda em termos reais. A equação estimada consiste, então, na forma reduzida para as quantidades deste modelo simultâneo, que estabelece uma relação entre a produção para o abastecimento interno ~~exclusive~~ o trigo, a renda real e as condições climáticas.

Índices agregados da produção agrícola são obtidos compondo-se os índices individuais através de funções transloga -

ritmicas de Christensen, Jorgenson e Lau (1973). Esta especificação permite participações flexíveis dos produtos individuais no valor da produção agrícola.

Bloco de Produção Industrial

Para a determinação do produto industrial, caracteriza-se a economia por uma curva de transformação entre produtos agrícolas e industriais do tipo Cobb-Douglas. Desta forma, a evolução da produção industrial pode ser estimada, deduzindo-se do crescimento do produto agregado, estimado no Bloco de Demanda Agregada, a parcela correspondente ao crescimento da agricultura, estimado no Bloco de Produção Agrícola.

Bloco de Preços Agrícolas

Neste bloco são estimados os preços reais dos produtos agrícolas. Na categoria dos exportáveis tradicionais distingue-se a cana-de-açúcar, cujo preço real é determinado simultaneamente com a quantidade produzida no equilíbrio entre a oferta e a demanda, que resulta da solução do problema (E). O preço doméstico dos exportáveis tradicionais exclusive cana-de-açúcar em termos reais é fixado pela remuneração real da exportação. Ao equivalente em cruzeiros do preço das exportações agrícolas brasileiras, obtido multiplicando-se o preço em dólares, estimado no Bloco das Exportações, pela taxa de câmbio, aplica-se a alíquota média da quota de contribuição cambial.

A determinação do preço doméstico do trigo em termos reais é essencialmente exógena. Incide sobre o equivalente em cruzeiros reais do preço internacional dado exógenamente, um fator de subsídio, sob o controle dos responsáveis pela política econômica. Para o preço real dos produtos de abastecimento interno exclusive o trigo, estimou-se a equação correspondente à forma reduzida para os preços do modelo estrutural de equilíbrio entre a oferta e demanda do Bloco de Produção Agrícola. Nesta especificação o preço real do produto está relacionado diretamente com o nível de renda real da economia e inversamente com as condições climáticas na lavoura.

De forma análoga às quantidades do Bloco da Produção Agrícola, obtém-se índices agregados dos preços agrícolas compondo-se os índices de preços individuais.

Bloco de Preços Industriais

Para a composição do índice geral de preços estimou-se uma equação equivalente a uma fronteira de preços Cobb-Douglas para a economia, dual à curva de transformação do Bloco de Produção Industrial. Assim, obtido o preço real da agricultura, relativo ao índice geral de preços, do Bloco de Preços Agrícolas fica determinado o preço real da indústria, relativo ao mesmo índice.

Supõe-se que os preços praticados pela indústria são determinados em termos nominais, por um mark-up fixo sobre os custos variáveis unitários. Os elementos de custo variável do setor industrial incluem a remuneração do trabalho, os gastos com importações de

produtos intermediários exclusive-petróleo-e-trigo e as despesas com energia para a geração de calor. Supondo, a título de simplificação, que as participações nos custos variáveis tenham permanecido constantes, estimou-se uma equação que relaciona a taxa de crescimento dos preços industriais às taxas de crescimento dos salários nominais, dos custos das importações intermediárias exclusive o petróleo e da energia.

Uma variante da fórmula de Bacha e Lopes (1983) para a evolução do salário médio nominal no caso de indexação salarial, foi estimada econometricamente. Esta especificação relaciona a taxa de crescimento do salário médio nominal às taxas de inflação corrente e passada do índice geral de preços. O custo das importações intermediárias exclusive petróleo é calculado a partir de uma projeção de seu preço em dólares, da taxa de câmbio e da alíquota média do imposto de importações. O custo da energia para a geração de calor no setor industrial é determinado, em termos reais, no equilíbrio entre a oferta e demanda por formas finais de utilização de energia, que resulta da solução do problema de otimização (E).

A solução das três equações que compõem este bloco permite então estimar as taxas de crescimento dos preços industriais, do índice geral de preços e dos salários nominais.

Bloco de Importações

As importações brasileiras do módulo macroeconômico foram desagregadas em petróleo, trigo e outras. Para as importa-

ções de petróleo supõe-se uma oferta infinitamente elástica ao preço vigente no mercado internacional. O volume importado é então determinado pela demanda através da solução do problema de otimização (E), representativo do setor energético nacional no modelo integrado.

O volume importado de trigo é estimado residualmente, subtraindo-se da demanda corrente a produção doméstica do ano anterior. Esta defasagem é explicada pelo período de colheita do trigo no Brasil, que se restringe basicamente ao último trimestre de cada ano. A demanda por trigo é especificada como uma função da renda e do preço ao consumidor em termos reais. Como medida do preço ao consumidor utilizou-se o preço de venda do trigo aos moinhos, o que inclui um subsídio em relação ao equivalente em cruzeiros do preço internacional, dado exógenamente.

A oferta de importações-exclusive-trigo-e-petróleo é, por hipótese, infinitamente elástica a um preço internacional exógeno. Desta forma, o volume de importações é determinado pela demanda, especificada como uma função do nível do produto industrial, do custo real unitário das importações e do grau de capacidade ociosa no setor industrial. A inclusão de uma medida da capacidade ociosa, sugerida pelos trabalhos de Dib (1981) e Abreu e Horta (1982) permite explicar as variações do coeficiente de importação em adição a uma tendência associada ao padrão de crescimento da economia. A formação do custo real unitário das importações-exclusive-trigo-e-petróleo foi explicitada no Bloco de Preços Industriais.

Bloco de Exportações

As exportações brasileiras encontram-se desagregadas no módulo macroeconômico em quatro produtos: açúcar, industrializados-exclusivo-açúcar, agrícolas e minerais. O açúcar foi dissociado dos outros produtos de exportação, porque a escolha técnica entre a produção de açúcar e/ou álcool foi incorporada ao módulo do setor energético. A título de simplificação, supõe-se que a demanda por açúcar é infinitamente elástica a um preço internacional fixado exógenamente. O volume exportado é obtido por resíduo, subtraindo-se da produção ótima, determinada pela solução de (E), a demanda interna. Estima-se a demanda interna de açúcar como função exclusivamente da renda real.

Supõe-se que a demanda por exportações de produtos industrializados é perfeitamente elástica a um preço internacional fixado exógenamente. O volume exportado no período corrente é então determinado por um ajustamento parcial ao excesso de oferta. Esta especificação da oferta de exportações, baseada nos trabalhos de Cardoso e Dornbusch(1980) e Musalem (1981) representa um processo de escolha entre vendas nos mercados externo e interno do produto. A remuneração do exportador difere do equivalente em cruzeiros do preço internacional devido à existência de subsídios às exportações de produtos industrializados.

Para os preços e as quantidades das exportações brasileiras de minérios foram estimadas as formas reduzidas de um modelo estrutural de desequilíbrio baseado em Goldstein e Khan (1978). Supõe-se que a demanda pelas exportações brasileiras seja uma função da renda mundial e do preço em dólares do minério defla-

cionado por um índice dos preços mundiais. A oferta de exportações é, por sua vez, função exclusivamente da capacidade produtiva doméstica. A determinação simultânea dos volumes e dos preços efetivos de exportação completa-se sob a hipótese de que as quantidades se ajustam diretamente ao excesso de demanda e os preços respondem negativamente ao excesso de oferta.

Os volumes e os preços das exportações agrícolas são também estimados a partir das formas reduzidas para um modelo simultâneo de desequilíbrio. De forma análoga à exportação de minérios, postula-se que a demanda por exportações agrícolas está relacionada à renda mundial e ao preço em dólares do produto agrícola de exportação, apropriadamente deflacionado. Supõe-se ainda que oferta de exportações é função da produção corrente de exportáveis tradicionais-exclusive-cana-de-açúcar, determinada no Bloco de Produção Agrícola. Admitindo também que, respectivamente, o volume efetivo e o preço em dólares das exportações respondem positivamente ao excesso de demanda e negativamente ao excesso de oferta, obtêm-se as formas reduzidas estimadas. O preço em dólares das exportações agrícolas, assim determinado, é então utilizado pelo Bloco de Preços Agrícolas para a estimação do preço doméstico dos produtos agrícolas, denominados de exportáveis tradicionais.

V. Simulações com o Modelo Integrado

Nesta seção são analisados três cenários para a evolução do setor energético e do resto da economia brasileira até o final da década de oitenta, com base exclusivamente em diferentes

hipóteses de comportamento do preço internacional do petróleo identificadas na Tabela 1.

TABELA 1

Taxas de Crescimento do Preço Internacional do Petróleo em
Dólares Correntes

	1983	1984	1985	1986-1990
Cenário Base	2%	4%	7%	7% aa
Cenário Alternativo A	4%	6%	10%	10% aa
Cenário Alternativo B	0%	2%	4%	4% aa

O quadro de referência macroeconômico, comum as três simulações apresentadas, tem como base o documento aprovado pelo Conselho Monetário Nacional em outubro de 1982, denominado "Programação do Setor Externo em 1983". Neste, as bases da estratégia de curto prazo foram estabelecidas a partir de uma estimativa de que US\$ 10,6 bilhões era o limite máximo de empréstimos que o país obteria no ano de 1983, o que levou ao estabelecimento de uma meta de US\$ 6 bilhões para o saldo da balança comercial para este ano. A consecução desta meta, que pressupõe um rígido controle das importações, requer um conjunto de medidas complementares de demanda global para que sejam satisfeitos certos requisitos de compatibilidade macroeconômica. Por este motivo, os parâmetros da demanda agregada do módulo macroeconômico do modelo foram calibrados de forma a induzir uma redução da ordem de 30% no quantum das importações-exceto-petróleo-e-trigo em 1983. A possibilidade de que os efeitos recessivos desta política atinjam a capacidade futura de recuperação da economia brasileira, substancia as hi-

póteses adotadas para as políticas monetária e fiscal nos anos posteriores.

Supõe-se ainda neste cenário a neutralidade das políticas cambial e salarial na década. Uma vez que o cenário base foi construído com base em informações incompletas acerca da evolução da conjuntura internacional das medidas de política econômica, que se seguiram à assinatura do acordo com o Fundo Monetário Internacional, eventos tais como: a gradual e, posteriormente, a maxi-desvalorização do cruzeiro; a mudança da política salarial; a instituição do controle de preços; e a própria queda dos preços do petróleo, que marcaram o último trimestre de 1982 e o primeiro trimestre de 1983, não estão incorporados ao modelo.

Visando, ainda, uma reconstituição mais detalhada das contas externas programadas para 1983, foram estabelecidas as hipóteses de uma taxa de inflação mundial de 7% e de um crescimento do quantum das importações mundiais de 3%, que parecem consistentes com a meta de uma receita da ordem de US\$ 23 bilhões para as exportações. A título de simplificação assumiu-se a constância destas taxas ao longo da década e a elevação de todos os preços internacionais exógenos, à exceção do petróleo, à taxa de inflação mundial. Para os juros internacionais foram fixadas as taxas de 14% e 11% aa para os anos de 1983 e 1984 e a estabilidade à taxa de 10% aa. na segunda metade da década.

As Tabelas 2 e 3 apresentam as hipóteses adotadas para as principais variáveis exógenas ao módulo representativo do setor

TABELA 2

EVOLUÇÃO PREVISTA DA DISPONIBILIDADE DE FONTES PRIMÁRIAS DE ENERGIA

ANO	Nuclear (10 ³ MWh)	Hídrica (10 ³ MWh)	Carvão RGS e PR(10 ³ ton)		Carvão SC (10 ³ ton)		Carvão Vegetal (10 ³ ton)	Petróleo Nacional (10 ³ barris)
			Ceu aberto	Subterrâneo	Ceu aberto	Subterrâneo		
1982	1620	140106	2690	610	302	3398	5800	100000
1983	1620	152094	3990	610	302	3398	5800	122215
1984	2700	163023	4990	1310	302	3398	6380	158055
1985	3240	176221	4990	1310	302	3398	6760	182530
1986	3240	191363	5000	1600	378	3850	7160	182530
1987	3240	212293	5000	1600	378	4000	7590	182530
1988	9695	230675	6000	2500	378	4000	8050	182530
1989	9695	245060	6000	3200	378	4000	8530	182530
1990	16150	264090	7500	4000	378	4300	9050	182530

TABELA 3

EVOLUÇÃO DOS LIMITES TÉCNICOS A UTILIZAÇÃO DAS FONTES PRIMÁRIAS DE ENERGIA

ANO	Carvão Mineral	Carvão Vegetal	Eletricidade	Alcool Anidro	Alcool Hidratado
	para Calor Industrial (%)	para Calor Industrial (%)	para Calor Industrial (%)	para Mistura (%)	para Transporte Individual (%)
1982	10	2	5	15	10
1983	10	2	5	15	14
1984	12	4	5	15	18
1985	12	4	5	15	22
1986	14	6	5	15	25
1987	14	6	5	15	25
1988	14	6	5	15	25
1989	14	6	5	15	25
1990	14	6	5	15	25

energético nacional no modelo integrado. Estas hipóteses baseam-se na consolidação de alguns dados obtidos em publicações oficiais, comunicações informais e transcrições da imprensa. Na maioria dos casos foram necessárias interpolações e extrapolações para a geração de séries consistentes e completas para a década.

Em relação à Tabela 2, deve-se ressaltar a estabilidade prevista para a produção doméstica de petróleo na segunda metade da década após um crescimento médio de 22,2% aa. entre 1982 e 1985, em decorrência da desaceleração do investimento em exploração no final da década de setenta e na primeira metade da década de oitenta. Assinale-se, ainda, as elevadas taxas de expansão da oferta de fontes primárias alternativas ao petróleo importado supostas para a década tais como: carvão mineral (10,5%aa), carvão vegetal (5,7%aa) e hidroeletricidade (8,2 %aa). A Tabela 3 apresenta as hipóteses acerca do gradual relaxamento dos limites técnicos à utilização de fontes alternativas nas diversas formas de utilização de energia.

Na medida em que no período de elaboração destes cenários, não eram conhecidos os dados oficiais para a evolução da economia brasileira em 1982, os resultados apresentados para este ano correspondem a soluções geradas pelo modelo integrado, calibrado com base em algumas poucas estimativas preliminares. Na análise do cenário básico, a seguir, sempre que possível, serão comparadas as projeções do modelo para o ano de 1982 com os dados oficiais, posteriormente divulgados.

Os resultados referentes às hipóteses do cenário básico estão subdivididas para efeito de análise, em dois itens: variáveis macroeconômicas e variáveis do setor energético.

V.1.1. - Variáveis Macroeconômicas

A avaliação dos resultados referentes às variáveis macroeconômicas, projetadas pelo modelo integrado é facilitada pelo agrupamento destas variáveis em três categorias: crescimento, inflação e balanço de pagamentos. Um sumário da evolução das principais variáveis macroeconômicas neste cenário é apresentado na Tabela 3 .

Crescimento

Estima-se que a redução de 30% nas importações exceto petróleo e trigo requeira uma redução do nível de atividade correspondente a uma queda da ordem de 3,2% do PIB em 1983. Dadas algumas informações já disponíveis acerca da produção agropecuária aliadas a uma expansão ótima da produção de cana-de-açúcar, projetada em aproximadamente 10%, estima-se que o produto agrícola apresente um crescimento em 1983 da ordem de 4,1%. Isto significa que a grande queda no nível de atividade deverá ser refletida por uma queda do produto industrial de 5,6%.

A taxa média de expansão do PIB entre 1982 e 1985 está projetada em apenas 1,3% aa. No mesmo período as taxas médias de crescimento previstas para os setores industrial e agropecuário

TABELA 3
SUMÁRIO DOS RESULTADOS PARA O CENÁRIO BÁSICO

	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	Média 82/85	Média 86/90
- Taxas de Crescimento Setoriais (%)											
- Produto Industrial	1,9	-5,6	4,2	5,7	6,1	6,3	6,3	5,6	5,6	2,9	5,9
- Produto Agrícola	-3,5	4,1	0,9	0,9	3,2	2,8	3,0	3,7	3,1	0,6	3,2
- Produto Interno Bruto (PIB)	0,5	-3,2	3,4	4,5	5,4	5,4	5,3	5,1	5,0	1,3	5,2
- Taxas de Inflação (%)											
- Preços Industriais	115,25	110,35	102,95	104,67	104,43	104,99	105,97	106,84	103,86	108,25	105,22
- Preços Agrícolas	90,82	114,58	100,45	103,96	104,57	105,87	107,20	107,88	105,09	102,27	106,12
- Preços por Atacado:Disp.Int. (IPA-DI)	111,58	110,98	102,98	104,57	104,45	105,13	106,15	106,99	104,05	107,39	105,35
- Importações (US\$ milhões)											
- Petróleo	9095,9	8132,5	7670,9	7957,1	9368,4	11112,7	12954,3	15124,9	17562,1	8214,1	13224,48
- Trigo	870,3	1009,6	1126,9	1256,7	1401,6	1558,8	1728,8	1911,9	2111,0	1065,88	1742,42
- Outras	9527,9	8463,3	8925,5	9666,0	10683,6	11829,7	13081,1	14393,4	15811,1	9145,68	13159,78
- Total	19494,1	17605,4	17723,3	18879,8	21453,6	24501,1	27764,2	31430,2	35484,2	18425,65	28126,66
- Exportações (US\$ milhões)											
- Produtos Minerais	1821,9	1869,3	2047,2	2352,7	2756,2	3216,7	3702,1	4204,5	4740,2	2022,78	3723,94
- Produtos Agrícolas	5229,0	5937,7	6486,6	7122,4	7843,3	8633,7	9500,3	10450,2	11491,5	6193,93	9583,80
- Produtos Industrializados (Excl. Açúcar)	12834,7	13980,5	15450,8	17075,8	18871,7	20856,5	23049,9	25474,1	28153,3	14835,45	23281,10
- Açúcar	714,8	876,2	982,7	1045,0	1099,8	1269,2	1424,7	1577,6	1730,7	904,68	1420,40
- Total	20600,4	22663,7	24967,3	27595,9	30571,0	33976,1	37677,0	41706,4	46115,6	23956,83	38009,22
- Saldo da Balança Comercial (US\$ milhões)	1106,3	5058,3	7244,0	8716,2	9117,4	9475,0	9912,8	10276,3	10631,4	5531,2	9882,58
- Saldo da Conta de Serviços Não-Fatores (US\$ milhões)	- 3941,2	- 3885,0	- 4000,4	- 4213,8	- 4556,6	- 4957,0	- 5388,3	- 5866,9	- 6394,1	- 4010,10	- 5432,58
- Juros da Dívida Externa (US\$ milhões)	10780,8	9242,7	7972,8	7548,4	7668,0	7780,2	7893,6	8002,2	8116,6	8886,18	7892,12
- Saldo em Conta Corrente (US\$ milhões)	-13615,6	- 8069,4	- 4729,2	- 3046,0	- 3107,1	- 3262,2	- 3369,0	- 3592,8	- 3879,2	- 7371,8	- 3442,06
- Investimentos (US\$ milhões)	1500,0	1608,8	1724,4	1850,5	1984,7	2128,6	2282,9	2448,5	2626,0	1670,93	2294,14
- Dívida Externa Líquida (US\$ milhões) (Fim do Período)	66019,6	72480,3	75484,1	76679,6	77802,0	78935,6	80021,7	81166,0	82419,2		
- Relação Dívida Líquida / Exportações	3,20	3,20	3,02	2,78	2,54	2,32	2,12	1,95	1,79	3,05	2,14

são da ordem de 1,5% e 0,6% aa. respectivamente. Para o arrefecimento do crescimento da produção agrícola contribuem: a redução da demanda por produtos voltados para o abastecimento interno em virtude da queda da renda real projetada para 1983 e a deterioração dos preços internacionais dos exportáveis tradicionais observada no biênio 1981/82. A expansão ótima da lavoura canavieira entre 1983 e 1985, projetada à taxa média de 8,4% aa, é insuficiente para compensar os efeitos contracionistas.

Para a segunda metade da década, está projetada uma recuperação do crescimento da economia brasileira, com uma taxa média da ordem de 5,2% aa. O produto industrial crescerá 5,9%aa. entre 1986 e 1990, enquanto o produto agrícola experimentará uma taxa de crescimento média de 3,2% aa no mesmo período, apesar de uma expansão ótima da produção de cana-de-açúcar a uma taxa média de 5,2% aa.

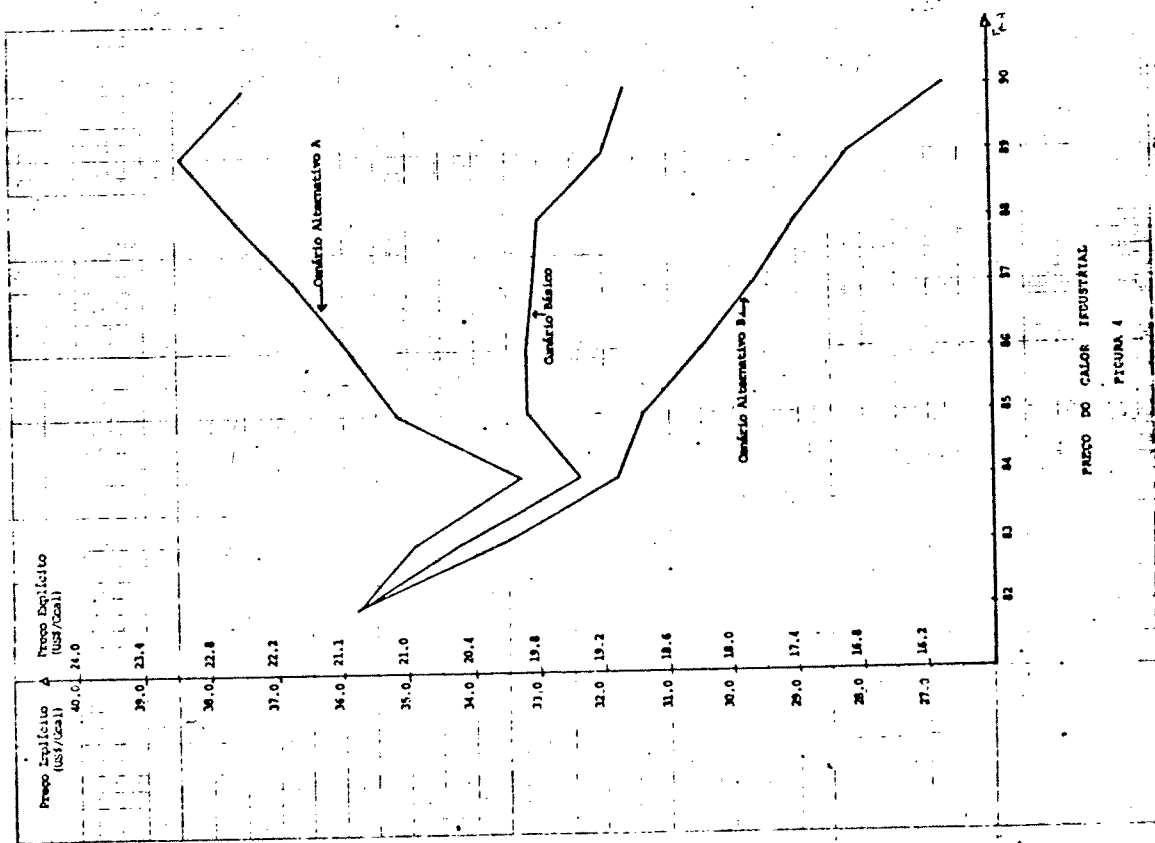
Inflação

Observa-se que a taxa de inflação média de 111,6% projetada para o ano de 1982, supera a taxa de 94% posteriormente observada para este mesmo ano em aproximadamente 18 pontos percentuais. Uma vez que a modificação prevista pelo modelo dos termos de troca entre a agricultura e a indústria é da mesma magnitude da observada (13% em favor da indústria), pode-se atribuir à projeção de um aumento de 116% dos preços industriais, a aceleração da taxa de inflação prevista para este ano. Esta elevada taxa de crescimento projetada para os preços industriais em relação

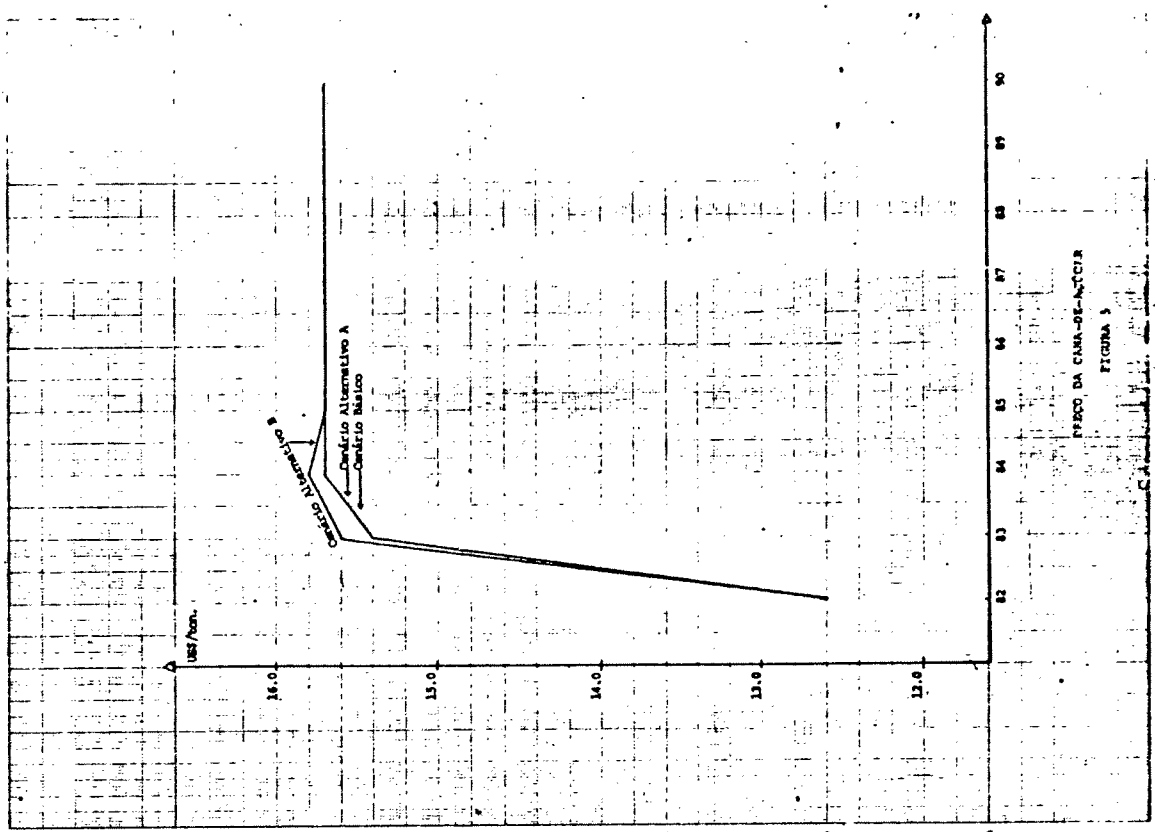
à taxa observada (101%) pode ser explicada por um aumento significativo no custo real da energia para o setor, em relação ao ano anterior.

A Figura 4 apresenta a evolução do preço do calor, determinada pelo módulo representativo do setor energético nacional. Verifica-se que é previsto para o ano de 1982 um ajustamento não-observado do preço do calor ao consumidor (indústria) da ordem de 20% em termos reais em relação ao nível prevalecente no ano anterior. O impacto inflacionário de tal aumento no custo da energia justifica a elevada taxa de inflação prevista para este ano. Em contrapartida, este aumento de custos contribuiria para uma redução adicional das importações de petróleo projetadas para o ano, conforme veremos adiante.

As políticas supostas para a taxa de câmbio e os salários tendem a estabilizar a taxa de inflação no ano de 1983 à taxa projetada para 1982. Medida pelo índice de Preços por Atacado-Disponibilidade Interna, estima-se que a inflação se mantenha em torno de 111% em termos da média anual no corrente ano. As taxas de variação previstas para índices de preços industriais e preços agrícolas em 1983 são, também em termos de média anual, 110% e 115% respectivamente. A evolução dos termos de troca favorecendo no corrente ano a agricultura, pode ser explicada por dois fatores: i) uma valorização de aproximadamente 15% prevista para os preços em dólares das exportações de produtos primários; e ii) um aumento do preço real da cana-de-açúcar da ordem de 23% em relação ao nível de US\$ 12,60 por tonelada estimado para o ano de 1982, conforme demonstra a Figura 5.



PREÇO DO CALOR INDUSTRIAL
FIGURA 4



PREÇO DA CARA-DE-NOZ
FIGURA 5

A partir de 1984 a taxa de inflação passa a um patamar ligeiramente inferior em relação ao biênio 1982/83, uma vez que os efeitos da política de controle da demanda agregada se fazem sentir através dos preços flexíveis da economia, que compreendem no modelo exclusivamente os preços agrícolas de abastecimento interno. A taxa de inflação no setor agrícola cai dos 115% em 1983 para 100% em 1984 e 104% em 1985. Como consequência, a taxa de inflação medida pelo IPA-DI (cuja queda está portanto amortecida pelo comportamento rígido dos preços industriais) passa dos 111% em 1983, para 103% em 1984 e 105% em 1985; a taxa média de inflação no período 1982/85 seria da ordem de 107% aa.

Nos anos de 1984 e 1985 a evolução dos termos de troca favorece o setor industrial por motivos distintos. A observação da Figura 4 sugere que o custo da energia exerce uma pressão deflacionária sobre os preços industriais de 1982 a 1984, em virtude da maturação de alguns projetos de substituição da energia importada e da expansão da produção doméstica de petróleo. Assim o aumento do preço relativo (ao IPA-DI) dos produtos industriais em 1984 só pode ser explicado pela inércia implícita no processo de reajustes salariais, que repassariam a elevação dos preços agrícolas do ano anterior. Para o ano de 1985 percebe-se que a recuperação do crescimento da economia e o arrefecimento do processo de substituição do petróleo importado contribuem, através de uma elevação do custo da energia para o setor industrial, para uma ligeira aceleração da taxa de inflação.

No período 1986-1990 permanece em foco a rigidez dos preços industriais aos estímulos de demanda. Desta forma, a taxa de inflação permanece relativamente estável na segunda metade da década. Em termos de média anual passa-se do nível de 107%aa no período 1982-1985 para 105%aa no período 1986-1990. As inexpressivas flutuações nas taxas anuais podem ser atribuídas em parte as pequenas discrepâncias entre a taxa de crescimento da renda real e a expansão da safra agrícola.

Em relação aos preços agrícolas a taxa de crescimento média é de 106%aa no período 1986-1990 em contraste com a taxa de 102%aa do período anterior. A estabilidade dos preços previstos para a cana-de-açúcar, ao nível de US\$15,65 por tonelada, conforme demonstra a Figura 5, sugere a inexistência de significativos choques inflacionários ou deflacionários no período. A taxa média do aumento dos preços industriais passa de 108% no período de 1982 a 1985 para 105%aa na segunda metade da década. Para a ligeira desaceleração da taxa de inflação dos preços industriais, que se observa no final da década, contribue o declínio mais acentuado do custo real da energia para o setor industrial. Segundo a Figura 4, o preço da gigacaloria do calor gerado no setor industrial cai US\$ 1,40 entre 1988 e 1990. Esta redução do custo da energia pode ser explicada pela maturação dos investimentos em mineração subterrânea de carvão mineral iniciados na primeira metade da década.

Balanço de Pagamentos

A previsão de um superavit de US\$ 1,106 bilhões para saldo da balança comercial no ano de 1982 supera em aproximada-

mente US\$ 328 milhões a estimativa oficial de US\$ 778 milhões, divulgada posteriormente em caráter preliminar. A análise desagregada deste resultado sugere que a origem desta sobrestimativa encontra-se primordialmente na projeção do valor das exportações, que é superior em US\$ 425 milhões à estimativa oficial de US\$20,175 bilhões. Para esta sobrestimativa contribue a previsão de US\$ 715 milhões para a receita com exportações de açúcar, que é superior em aproximadamente US\$ 165 milhões ao valor das exportações efetivamente observadas. Isto pode ser atribuído à formulação do modelo que pressupõe a exportação efetiva do total do excedente exportável.

Em relações importações o valor de US\$ 19,494 bilhões projetado para o ano de 1982 representa um acréscimo de apenas US\$ 97 milhões sobre o dispêndio oficialmente anunciado de US\$19,397 bilhões. No entanto a distribuição prevista entre os itens da pauta de importações é distinta da observada. No tocante às importações de petróleo bruto foi projetado um dispêndio de US\$9,096 bilhões em contraste com os US\$ 9,568 bilhões efetivamente gastos. Uma vez que as previsões da evolução dos preços internacionais e do crescimento da produção doméstica de petróleo para o ano de 1982 estão muito próximas dos valores efetivos, pode-se atribuir à elevação projetada (e não-observada) do preço interno real da energia, cujo impacto inflacionário foi discutido anteriormente, uma redução adicional das importações não inferior à US\$ 472 milhões.

Os gastos previstos para a aquisição de trigo importado em 1982 superam o valor efetivo das importações em US\$ 108 milhões enquanto as despesas com outras importações (exclusive petróleo e trigo) são superestimadas em US\$ 461 milhões. Acredita-se que para esta redução adicional do valor das outras importações tenha contribuído o controle sobre importações, instituído no último trimestre de 1982, que não se encontra representado no modelo.

Neste cenário, mesmo com o nível de recessão projetado para 1983, o saldo da balança comercial é ligeiramente inferior aos US\$ 6 bilhões programados pelo governo, atingindo US\$5,058 bilhões e gerando um déficit em conta corrente da ordem de US\$ 8,069 bilhões, em contraste com os US\$6,900 bilhões programados. Estas diferenças entre números programados e projetados poderiam ser eliminadas com uma redução adicional nos parâmetros de demanda global, acarretando uma queda ligeiramente maior do PIB em 1983.

A médio prazo, o efeito da recessão de 1983 torna-se evidente em termos da balança comercial. Entre 1982 e 1985 as importações nominais apresentam uma queda média anual de 1,1% aa. enquanto as exportações crescem à taxa média de 10,2%aa. no mesmo período. Isto garante os saldos crescentes na balança comercial, que atingem um superavit de US\$8,716 bilhões em 1985. Para a redução das importações entre 1982 e 1985 contribue de forma significativa a queda média anual de 4,4% aa projetada para as despesas com importação de petróleo bruto. Além das modestas taxas de crescimento da economia e da evolução moderada dos preços internacionais, são responsáveis pela economia nas importações de

petróleo: a expansão projetada da capacidade de produção doméstica desta fonte primária e a maturação de alguns projetos de substituição da energia importada. Os projetos de substituição permitem relaxar algumas restrições do módulo representativo do setor energético nacional quanto à utilização de fontes primárias alternativas tais como o carvão mineral, o carvão vegetal e o álcool hidratado.

Partindo dos US\$ 715 milhões previstos para 1982 o valor das exportações de açúcar cresce à taxa média anual de 13,5% até atingir US\$ 1,045 bilhões em 1985. Até 1984 este resultado pode ser justificado pela retração da demanda interna que gera excedentes exportáveis supostamente absorvíveis pelo mercado externo. Com a recuperação do crescimento da economia a partir de 1984 e a expansão prevista da frota de veículos movidos à álcool, o aumento do valor das exportações entre 1984 e 1985 é reduzido a 6%.

Os resultados acerca do comportamento projetado para o saldo de transações correntes e para o endividamento externo dependem, naturalmente, das perspectivas acerca da taxa de juros média incidente sobre a dívida externa. Para a hipótese adotada neste cenário, o déficit em conta corrente cai de US\$ 8,069 bilhões em 1983 para US\$ 3,046 bilhões em 1985. A dívida externa líquida em dólares correntes atinge no final de 1985 o valor de US\$ 76,7 bilhões o que, dada a hipótese de evolução da inflação mundial, representa entretanto US\$ 62,7 bilhões em dólares de 1982, ou seja, uma queda real da ordem de 1,7%. A relação dívida líquida-exportações cai, assim, de 3,20 para 2,78 entre 1982 e 1985.

A recuperação do crescimento da economia brasileira na segunda metade da década, uma vez equacionado o problema do financiamento do déficit em transações correntes, seria compatível com um crescimento médio das importações nominais de 13,4% aa. A hipótese de estabilização da produção doméstica de petróleo ao nível de 500 mil barris por dia, atingido em 1985, é parcialmente responsável por um aumento do valor destas importações a taxa média de 17% aa na segunda metade da década. Embora a taxa média prevista para o crescimento das exportações nominais no período 1985-1990 seja da ordem de 10,7% aa e, portanto, inferior ao crescimento das importações nominais, o saldo comercial é ainda crescente (a taxas cada vez menores) até o final da década, atingindo US\$ 10,631 bilhões em 1990.

Paralelamente ao comportamento favorável da balança comercial, o saldo em conta corrente, em queda vertiginosa até 1985 quando atinge a casa dos US\$ 3 bilhões, volta a crescer gradualmente em decorrência do aumento do déficit da conta de serviços. O déficit em conta corrente de US\$ 3,879 bilhões, projetado para 1990 é consistente com um endividamento nominal da ordem de US\$ 82 bilhões ao final deste ano. Este perfil favorável do endividamento externo reduz gradualmente o quociente dívida líquida exportações até o nível de 1,79 em 1990.

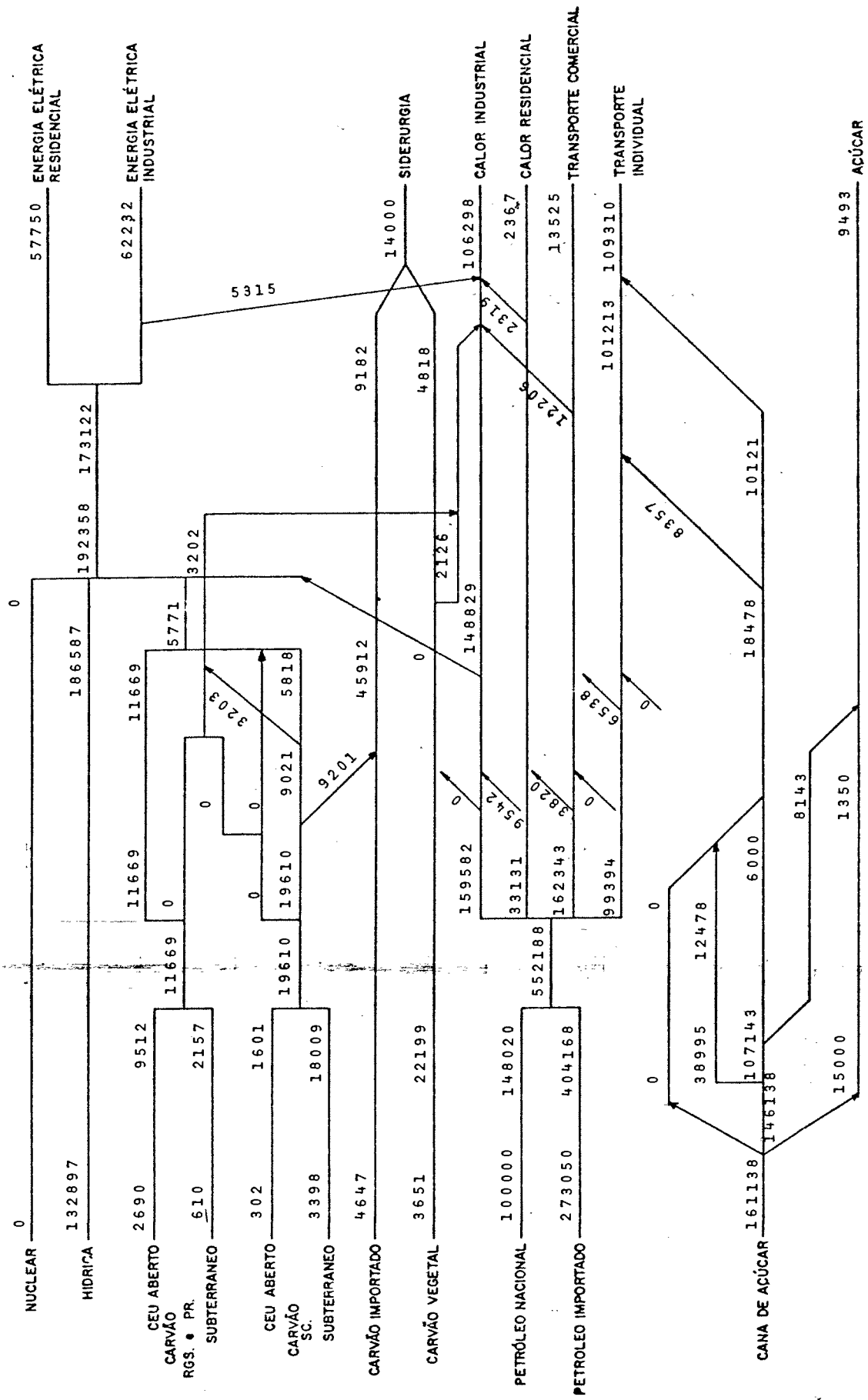
V.1.2 - Variáveis do Setor Energético

Nesta subseção são analisados os resultados obtidos para o cenário básico, referentes as variáveis do setor energético.

Configuração Setorial

A configuração ótima do setor energético para o ano de 1982 está indicada na Figura 6. Observa-se que na solução ótima para este ano, aproximadamente 97% da energia elétrica gerada para o atendimento da demanda, teria origem hídrica. No entanto, apesar dos baixos custos, a capacidade de geração de hidroeletricidade, não seria plenamente utilizada, pois o consumo ótimo corresponderia a 95% da disponibilidade de energia primária. A termoeletricidade que responderia pelos 3% restantes da oferta de energia elétrica, seria originária exclusivamente do carvão mineral. O petróleo e a energia nuclear não seriam utilizados devido aos elevados custos de importação e de capital respectivamente.

A energia proveniente do carvão mineral, cujo consumo esgotaria sua disponibilidade, seria destinada, além da geração termoelétrica, à geração de calor no setor industrial e à produção do coque siderúrgico. Enquanto que, a produção de carvão mineral do Rio Grande do Sul e Paraná seria utilizada exclusivamente nas centrais termelétricas, apenas 36% do carvão energético de Santa Catarina, que é um subproduto do beneficiamento do carvão pré-lavado, teria o mesmo destino. Observa-se ainda que, eliminada a utilização direta, todo o carvão pré-lavado de Santa Catarina sofreria beneficiamento. O carvão metalúrgico nacional, que corresponde à fração nobre do beneficiamento do pré-lavado, combinar-se-ia, no limite mínimo imposto pela legislação vigente (20%), com o carvão importado para o atendimento da demanda da siderurgia.



CONFIGURAÇÃO ÓTIMA DO SETOR ENERGÉTICO NACIONAL-ANO 1982
 FIGURA 6

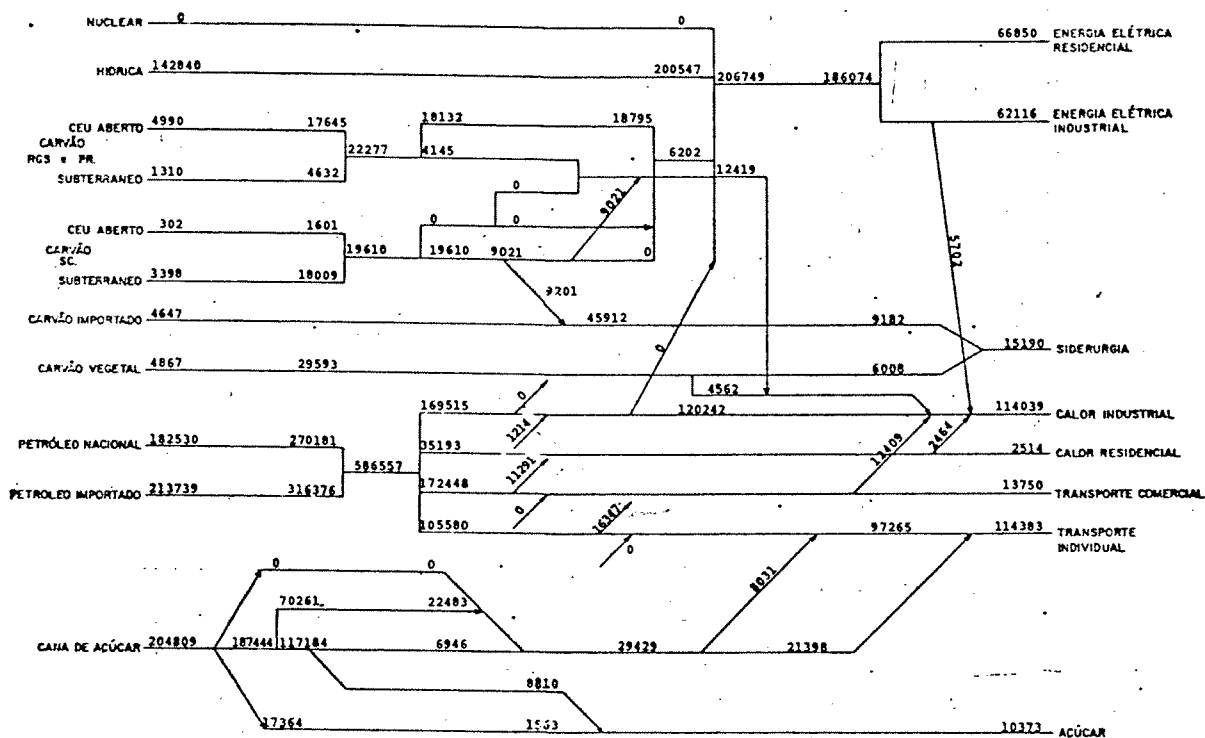
A energia necessária à produção do coque siderúrgico seria baseada em 66% de carvão mineral (nacional e importado) e 34% de carvão vegetal. A preferência pelo carvão mineral na siderurgia, em função dos diferenciais de custo e de eficiência, geraria um excedente correspondente a 31% da disponibilidade de carvão vegetal no ano.

As participações dos carvões mineral e vegetal na energia destinada à geração de calor industrial seriam respectivamente 2,0% e 1,2%. O óleo combustível, derivado do refino do petróleo e complementado por um pequeno volume de importações, com uma participação de cerca de 84%, constituiria a principal fonte de energia para esta utilização. As parcelas atribuídas ao óleo diesel ao gás liquefeito de petróleo e à eletricidade somariam os restantes 11% da energia calorífica requerida pelo setor industrial.

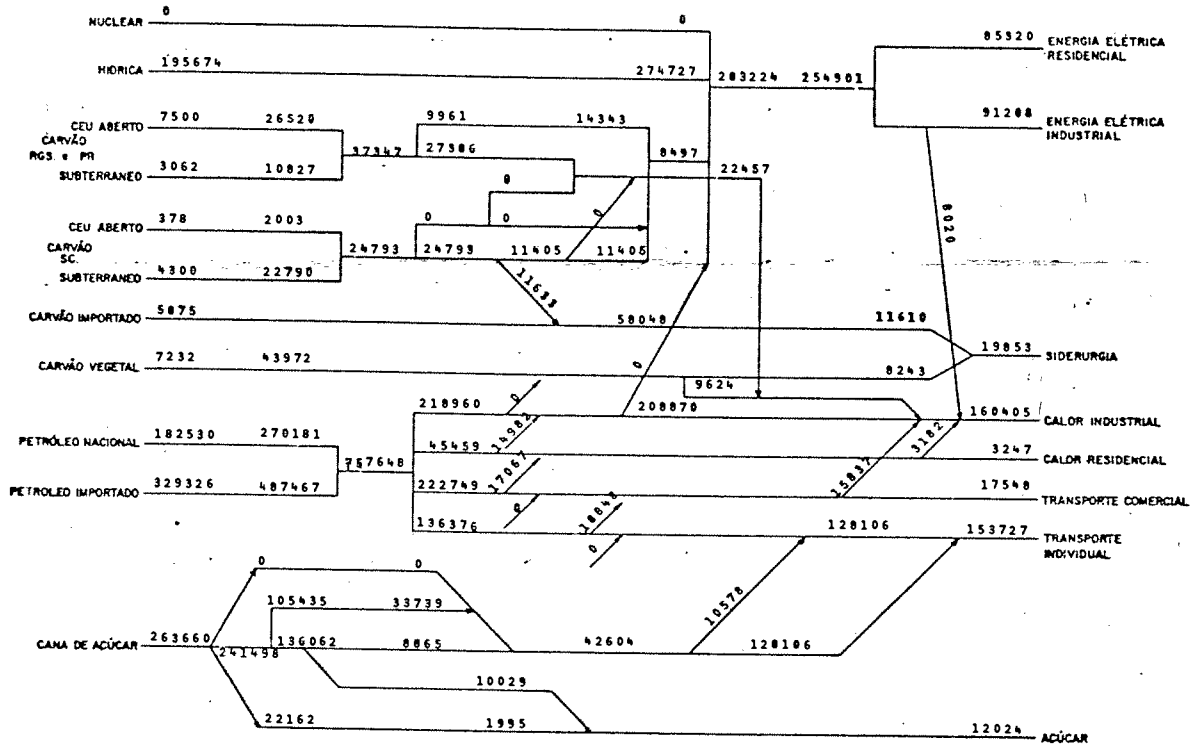
A produção de petróleo nacional em 1982, que corresponde em média à 274 mil barris por dia, seria plenamente utilizada na atividade de refino devido a um custo de obtenção inferior ao custo de importação. A necessidade interna de petróleo seria complementada por importações equivalentes a 748 mil barris por dias. Observa-se que as importações de petróleo bruto são ditadas pelos requisitos de gás liquefeito, derivado para o qual são limitadas as possibilidades de exportação e/ou importação. O comércio internacional dos outros derivados do petróleo permite, então, a compatibilização da estrutura de refino com o padrão de consumo doméstico. Nesta solução, excedentes de gasolina e de óleo diesel correspondentes a 6,5% e 2,3% da produção doméstica, seriam exportados, enquanto que 5,6% da oferta de óleo combustível seria importada.

A magnitude do excedente exportável de gasolina depende das hipóteses adotadas acerca da participação mínima do álcool anidro na mistura álcool/gasolina, da composição da frota de veículos entre movidos à álcool hidratado e movidos a gasolina e dos preços internacionais da gasolina e do açúcar. O álcool, anidro e hidratado, necessário ao atendimento da demanda por energia em transporte individual seria produzido exclusivamente em destilarias anexas. As destilarias autônomas, neste cenário, não seriam utilizadas possivelmente devido à relação de custos desfavorável e à competitividade do açúcar aos preços internacionais, dados exógenamente. Observa-se que 86% da oferta de açúcar neste ano proviriam da produção conjunta de açúcar e álcool em destilarias anexas, que absorveriam 89,9% da produção de cana-de-açúcar. Aproximadamente 36,7% do volume de cana-de-açúcar destinado à destilação, seria utilizado no processo autônomo para a produção exclusiva de álcool em destilarias anexas, apesar de sua eficiência técnica inferior em relação às destilarias autônomas propriamente ditas.

~~Conforme mencionado anteriormente, o período 1982-1985~~ pode ser caracterizado pela estagnação do crescimento da renda real, que é um fator determinante da demanda de energia, e pela acelerada expansão da produção doméstica de petróleo e de fontes alternativas, do lado da oferta de energia. Os reflexos da conjunção destes fatores sobre a configuração ótima do setor energético podem ser avaliados comparando-se as Figuras 6 e 7.



CONFIGURAÇÃO ÓTIMA DO SETOR ENERGÉTICO NACIONAL-ANO 1985
 FIGURA 7



CONFIGURAÇÃO ÓTIMA DO SETOR ENERGÉTICO NACIONAL-ANO 1990
 FIGURA 8

Verifica-se que o arrefecimento do processo de crescimento econômico, neste período, tenderia a reduzir o grau de utilização das hidroelétricas a 81% no ano de 1985. Tal excesso de oferta da fonte hídrica reforça o argumento da não-economicidade da energia nuclear na geração térmica de eletricidade. O crescimento da produção de carvão mineral, concentrado nas Regiões do Rio Grande do Sul e Paraná, aliado ao relaxamento dos limites técnicos a sua utilização na geração de calor para o setor industrial, tenderiam a desviar toda a produção de carvão energético de Santa Catarina exclusivamente para este fim, em função dos menores custos de mineração e transporte. Assim, as termoelétricas passariam a ser atendidas exclusivamente por uma parcela do carvão mineral originário do Rio Grande do Sul e Paraná, correspondente em 1985 a 80% da disponibilidade.

Em relação ainda ao carvão mineral, plenamente utilizado, observa-se que o carvão energético de Santa Catarina corresponderia em 1985 a 73% da oferta de carvão mineral para a geração de calor industrial, complementada pela produção das outras duas regiões. O volume de carvão importado não se alteraria entre 1982 e 1985 apesar de um crescimento médio do consumo de energia na siderurgia de 2,8% aa no mesmo período. Em consequência, cresce a participação do carvão vegetal como fonte de energia na produção do coque siderúrgico, atingindo 40% no ano de 1985.

Embora o consumo total de carvão vegetal cresça à taxa média de 10,1% aa entre 1982 e 1985, o consumo em 1985 corresponderia acerca de 72% da disponibilidade desta fonte. Paralelamente à expansão do consumo na siderurgia, a participação

do carvão vegetal na geração de calor industrial aumenta para 2,4% em 1985. O consumo de energia para a geração de calor no setor industrial cresce neste período a taxa média de 2,4%aa. A substituição dos derivados de petróleo por fontes alternativas nesta utilização resultaria em um aumento da participação do carvão mineral para 6,5% das necessidades de energia e em uma redução da participação do óleo combustível para 80% no mesmo ano.

A produção nacional de petróleo, que alcançaria em 1985 a meta de 500 mil barris por dia, representaria 46% do consumo total de petróleo neste ano. O volume importado, em gradual redução no período, atingiria 586 mil barris por dia em 1985. O moderado crescimento das demandas por energia para a geração de calor industrial e residencial e para o transporte comercial e individual, com taxas médias anuais no intervalo de 1 a 2% aa entre 1982 e 1985, aumentaria os excedentes exportáveis de gasolina e de óleo diesel para 15% e 7% da produção respectivamente e reduziriam as necessidades de importação de óleo combustível para 0,7% da oferta em 1985.

A taxa média de expansão da lavoura canavieira entre 1982 e 1985 seria da ordem de 8,3%aa. A maior parcela deste aumento de produção da cana-de-açúcar seria destinada a produção de álcool em destilarias anexas. No ano de 1985, cerca de 92% da produção de cana seria destilada. Aproximadamente 63% deste total seria utilizado no processo misto de produção de açúcar e álcool. Observa-se ainda que o aumento da demanda por

álcool se deveria principalmente ao álcool hidratado, que representaria em 1985 cerca de 12% do consumo de energia em transporte individual.

Na segunda metade da década com a recuperação do processo de crescimento da economia, a estabilização da produção doméstica de petróleo e a moderação da expansão da oferta de fontes alternativas, modifica-se gradualmente a configuração do setor energético nacional. A configuração ótima sugerida para o ano de 1990 é apresentada na Figura 8. Observa-se que neste ano a energia elétrica seria ainda gerada a partir da fonte hídrica (97%) e do carvão mineral (3%). Apesar do crescimento da demanda por eletricidade no período amplia-se o índice de ociosidade do setor hidroelétrico para 26% em 1990. A energia nuclear e o óleo combustível permaneceriam não-econômicos para esta utilização.

Em relação ao carvão mineral, verifica-se que a contínua expansão da produção do Rio Grande do Sul e Paraná deslocaria o carvão energético de Santa Catarina exclusivamente para a termoeletricidade. O carvão de Santa Catarina representaria 44% da oferta de energia termoelétrica em 1990. Por outro lado, cerca de 73% do carvão mineral oriundo das minas do Rio Grande do Sul e do Paraná seria destinado a geração de calor no setor industrial neste ano. Apesar do crescimento da demanda por energia no setor industrial, com a recuperação da economia no período, o carvão mineral não seria plenamente utilizado neste ano. Percebe-se ao final do período a aparição de um excedente de carvão proveniente das minas subterrâneas do Rio Grande do Sul e do Paraná.

Com o crescimento da mineração de carvão em Santa Catarina e a expansão da oferta de carvão vegetal, as importações de carvão metalúrgico cresceriam entre 1985 e 1990 à taxa média de 4,8%aa, que é inferior ao aumento médio de 5,5%aa demonstrado pela demanda por energia na produção do coque siderúrgico. Em 1990 esta demanda seria satisfeita por 58% de carvão metalúrgico (nacional e importado) e 42% de carvão vegetal. O consumo de carvão vegetal permaneceria inferior à disponibilidade desta fonte primária em todo o período.

As participações do carvão mineral e vegetal no suprimento da demanda por energia para a geração de calor cresceriam gradualmente, na segunda metade da década, até atingirem 8,4% e 3,6% respectivamente em 1990. O óleo combustível responderia neste ano por 78% do consumo de energia nesta utilização.

Com a estagnação da produção nacional de petróleo, e o crescimento das demandas de energia para geração de calor e transportes a taxas médias que variam de 5 a 7% aa entre 1985 e 1990, as importações de petróleo bruto aumentariam vertiginosamente, atingindo 902 mil barris por dia em 1990. Modificar-se-ia também com o crescimento da demanda interna, o padrão de comércio internacional de derivados. Enquanto que menores parcelas da produção de gasolina e óleo diesel seriam exportadas em 1990 (13,4% e 7,7% respectivamente), a importação de óleo combustível representaria 6,4% da oferta.

Em relação à cana-de-açúcar, cuja taxa média de crescimento da produção seria da ordem de 5,2%aa entre 1985 e 1990, observa-se que uma ainda maior parcela seria destinada a produção exclusiva de álcool em destilarias anexas. Aproximadamente 56% do volume de cana-de-açúcar destinado à destilação utilizaria o processo misto para a produção conjunta de açúcar e álcool.

Preços das Fontes Primárias de Energia

A evolução prevista dos preços implícitos das fontes primárias de energia, consistentes com as hipóteses de expansão da oferta adotadas, é apresentada na Tabela 4. Observa-se que os preços implícitos seriam nulos no decorrer do horizonte de planejamento para as fontes nuclear e hídrica e para o carvão vegetal. O excesso de oferta, que caracteriza neste cenário a disponibilidade das fontes nuclear e hídrica, revelaria um superdimensionamento do parque gerador de energia elétrica do país. No caso do carvão vegetal, o excesso de oferta poderia ser atribuído a um custo de obtenção relativamente alto e a um moderado relaxamento dos limites técnicos à sua utilização para a geração de calor no setor industrial.

Em relação às fontes primárias plenamente utilizadas verifica-se que os preços implícitos, que assumem valores positivos, seriam, à exceção da cana-de-açúcar, decrescentes no período 1982-84. Este resultado pode ser explicado pelas elevadas taxas de crescimento projetadas para a mineração do carvão (19,5%aa) e para a produção de petróleo (25,7%aa) no mesmo período. Já no ano de 1985, com o arrefecimento do processo de expansão da produção de fontes alternativas ao petróleo e a recuperação do crescimento do resto da economia, que pressionaria a demanda por energia, observar-se-ia uma reversão da tendência de declínio destes preços implícitos.

TABELA 4
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS IMPLÍCITOS DAS FONTES PRIMÁRIAS DE ENERGIA*
CENÁRIO BÁSICO

FONTE	UNIDADE	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Nuclear	US\$/MWh	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Hídrica	US\$/MWh	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Carvão Mineral RGS e PR/CA	US\$/Gcal	13,9	13,0	5,7	12,4	12,4	12,4	12,3	12,3	4,3
Carvão Mineral RGS e PR/SB	US\$/Gcal	9,6	8,7	1,4	8,1	8,1	8,1	8,0	8,0	0,0
Carvão Mineral SC/CA	US\$/Gcal	15,9	15,5	12,1	15,2	15,2	15,2	15,2	15,2	11,5
Carvão Mineral SC/SB	US\$/Gcal	15,4	15,0	11,6	14,7	14,7	14,7	14,7	14,7	11,0
Carvão Vegetal	US\$/Gcal	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0
Petróleo Nacional	US\$/Gcal	24,1	23,0	22,4	22,4	22,3	22,3	22,2	22,2	22,2

TABELA 5
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS IMPLÍCITOS DAS FORMAS FINAIS DE ENERGIA*
CENÁRIO BÁSICO

Utilização	Unidade	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Elettricidade	US\$/MWh	21,9	21,8	20,8	21,7	21,7	21,7	21,7	21,7	20,6
Calor Industrial	US\$/Gcal	35,8	34,2	32,4	33,2	33,2	33,1	33,0	33,0	31,7
Siderurgia	US\$/Gcal	74,6	74,6	74,6	74,6	74,6	74,6	74,6	74,6	74,6
Calor Residencial	US\$/Gcal	86,8	83,5	81,6	81,5	81,3	81,2	81,0	80,9	80,8
Transporte Comercial	US\$/Gcal	35,4	33,8	32,8	32,7	32,6	32,6	32,5	32,5	32,4
Transporte Individual	US\$/Gcal	35,9	36,9	37,2	38,0	38,5	38,4	38,4	38,3	38,3

TABELA 6
EVOLUÇÃO DOS PREÇOS EXPLÍCITOS DAS FORMAS FINAIS DE ENERGIA*
CENÁRIO BÁSICO

Utilização	Unidade	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
Elettricidade Industrial	US\$/MWh	43,8	43,6	41,6	43,4	43,4	43,4	43,4	43,4	41,2
Calor Industrial	US\$/Gcal	21,4	20,5	19,4	19,9	19,9	19,8	19,8	19,8	19,0
Calor Residencial	US\$/Gcal	21,7	20,9	20,4	20,4	20,3	20,3	20,3	20,2	20,2
Transporte Individual	US\$/Gcal	101,6	105,4	106,3	108,6	110,0	109,7	109,7	109,4	109,4

* Em dólares constantes de 1982

A segunda metade da década, caracterizada pela estagnação da produção doméstica de petróleo, representaria um período de relativa estabilidade dos preços implícitos. Poder-se-ia atribuir à expansão da capacidade de produção do carvão mineral o novo declínio de seu preço implícito projetado para o ano de 1990. No caso da mineração em lavra subterrânea, cujo prazo de maturação do investimento varia de 4 a 7 anos, a existência de excedentes não comercializáveis no Rio Grande do Sul e Paraná tenderia a anular o preço implícito do carvão neste último ano.

Preços das Formas Finais de Energia

A Tabela 5 apresenta as projeções para os preços implícitos das formas finais de utilização da energia no período 1982-1990. Verifica-se uma tendência decrescente dos preços implícitos da energia para o calor residencial e para o transporte comercial, no decorrer da década. A queda destes preços seria mais acentuada no período 1982-1984 em consonância com o declínio do preço implícito do petróleo produzido domesticamente do do preço internacional do petróleo importado, em termos reais.

O preço implícito da energia para a produção do coque siderúrgico permaneceria estável ao nível projetado 1982 até o final do horizonte de planejamento. A constância deste preço pode ser atribuída ao preço internacional estável do carvão metalúrgico importado, por hipótese, e ao preço implícito nulo do carvão vegetal devido ao excesso de oferta discutido anteriormente.

A evolução dos preços implícitos da eletricidade e do calor industrial na década acompanharia as flutuações dos preços implícitos do carvão mineral. Decrescentes no período 1982-1984, os preços implícitos recuperaram-se em 1985, com a elevação do preço implícito do carvão mineral. Na segunda metade da década o preço implí-

cito a estabilizaria no nível atingido em 1985 até 1990, quando sofreria nova redução.

O comportamento projetado dos preços implícitos da energia para o transporte individual é marcadamente distinto das outras formas finais de utilização da energia. A trajetória ascendente destes preços no período 1982-1986 poderia ser explicada pela obrigatoriedade de mistura de álcool anidro à gasolina e pela necessidade de atendimento a uma frota crescente de veículos movidos à álcool hidratado. A elevação do preço da cana-de-açúcar, que onera o custo de produção do álcool na primeira metade da década, acentuaria o aumento do preço implícito da energia para esta utilização. A constância dos preços da cana-de-açúcar e a estabilidade da composição da frota de veículos a álcool e à gasolina contribuem para estabilizar o preço implícito na segunda metade da década.

A Tabela 6 apresenta os preços explícitos correspondentes às formas finais de utilização da energia, supondo constantes os coeficientes de imperfeição de mercado aos níveis estimados para o ano de 1982.

V.2 - Cenário Alternativo A

A Tabela 7 apresenta um sumário dos resultados obtidos para as principais variáveis macroeconômicas sob os Cenários Alternativos A e B. Observa-se que, mantidos constantes os coeficientes de imperfeição de mercado, os maiores preços internacionais do petróleo neste cenário se refletem em aumentos de custos para o setor industrial. Verifica-se na Figura 4 que, em relação ao cenário básico, o aumento do preço do petróleo atenuaria a queda do custo de geração de calor

TABELA 7
SUMÁRIO DOS RESULTADOS DAS VARIÁVEIS MACROECONÔMICAS PARA OS CENÁRIOS ALTERNATIVOS

	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	Média 82/85	Média 86/90
- Taxas de Inflação (%)											
- Preços Industriais											
Cenário Alternativo A	115,25	112,11	105,70	111,14	113,57	116,99	120,90	124,77	123,38	111,02	119,86
Cenário Alternativo B	115,25	108,61	100,73	98,39	95,59	93,56	91,95	90,26	86,10	105,64	91,46
- Preços Agrícolas											
Cenário Alternativo A	90,82	116,24	103,29	110,40	113,72	117,92	122,21	125,90	124,73	104,97	120,85
Cenário Alternativo B	90,82	112,93	98,14	97,70	95,72	94,39	93,09	91,21	87,22	99,74	92,30
- Preços por Atacado											
Cenário Alternativo A	111,58	112,73	105,34	111,03	113,60	117,13	121,10	124,94	123,58	110,15	120,03
Cenário Alternativo B	111,58	109,25	100,34	98,29	95,61	93,68	92,12	90,40	86,27	104,79	91,59
- Importações (US\$ milhões)											
- Petróleo											
Cenário Alternativo A	9095,9	8247,1	7871,5	8309,1	9973,9	12071,6	14357,6	17114,4	20330,7	8380,9	14769,6
Cenário Alternativo B	9095,9	8016,9	7509,2	7695,8	8924,6	10362,6	11820,8	13494,8	15285,9	8079,5	11977,7
- Total											
Cenário Alternativo A	19494,1	17720,1	17923,9	19231,7	22059,1	25460,1	29167,5	33419,7	38252,8	18592,5	29671,8
Cenário Alternativo B	19494,1	17489,9	17561,6	18618,4	21009,7	23751,0	26630,6	29800,1	33208,0	18291,0	26879,9
- Exportações (US\$ milhões)											
- Açúcar											
Cenário Alternativo A	714,8	876,2	991,8	1069,9	1147,0	1343,4	1533,4	1729,5	1935,9	913,2	1537,8
Cenário Alternativo B	714,8	876,2	973,5	1019,8	1058,9	1198,0	1317,3	1426,3	1526,1	896,1	1305,3
- Total											
Cenário Alternativo A	20600,4	22663,1	24975,6	27620,0	30617,3	34049,3	37784,6	41857,1	46319,5	23964,8	38125,6
Cenário Alternativo B	20600,4	22664,4	24958,8	27571,5	30531,1	33906,0	37570,7	41556,4	45912,4	23948,8	37895,3
- Saldo da Balança Comercial (US\$ milhões)											
Cenário Alternativo A	1106,3	4943,0	7051,7	8388,3	8558,3	8589,2	8617,1	8437,4	8066,7	5372,3	8453,7
Cenário Alternativo B	1106,3	5174,5	7397,2	8953,2	9521,3	10155,0	10940,1	11756,3	12704,3	5657,8	11015,4
- Saldo em Conta Corrente (US\$ milhões)											
Cenário Alternativo A	-13515,6	-8193,9	-4951,6	-3437,9	-3790,7	-4370,3	-5034,9	-6017,4	-7336,9	-7549,8	-5310,0
Cenário Alternativo B	-13515,6	-7944,0	-4548,9	-2756,5	-2606,3	-2409,4	-2051,3	-1648,8	-1093,8	-7216,3	-1961,9
- Dívida Externa Líquida (US\$ milhões)											
(Fim do Período)											
Cenário Alternativo A	66019,6	72604,8	75830,9	77418,3	79224,3	81466,0	84218,0	87786,9	92497,8	72968,4	85038,6
Cenário Alternativo B	66019,6	72354,9	75178,3	76084,3	76705,9	76986,7	76755,1	75955,4	74423,2	72409,3	76165,3
- Relação Dívida Líquida/Exportações											
Cenário Alternativo A	3,20	3,20	3,04	2,80	2,59	2,39	2,23	2,10	2,00	3,06	2,26
Cenário Alternativo B	3,20	3,19	3,01	2,76	2,51	2,27	2,04	1,83	1,62	3,04	2,05

indústria do biênio 1983-84 e amplificaria sua recuperação no ano de 1985. Em consequência do aumento do custo real da energia, as taxas de crescimento dos preços industriais previstas neste cenário são ligeiramente superiores às projeções relativas ao cenário anterior. A taxa de crescimento média dos preços industriais no período 1982-85 atingiria 111,0% aa, em contraste com a taxa de 108% aa projetada para o cenário básico.

Uma vez que, segundo a Figura 5, o preço real da cana-de-açúcar permaneceria praticamente inalterado em relação ao cenário anterior, não se configuram pressões adicionais, inflacionárias ou deflacionárias, sobre os preços agrícolas. Portanto, como reflexo exclusivamente da elevação dos preços industriais, a taxa de inflação, medida pelo IPA-DI, atingiria 111,0% no ano de 1985, em contraste com a taxa de 105% projetada no cenário anterior. A taxa de inflação média de 110,2% para o período 1982-85 superaria a taxa média de 107,4% do cenário básico em 3 pontos percentuais.

Em relação às importações, a elevação dos preços internacionais onera o dispêndio médio com a aquisição de petróleo bruto no período 1982-85 em aproximadamente 2% aa. Os preços do petróleo mais altos amorteceriam os efeitos da recessão projetada em termos da balança comercial. Entre 1982 e 1985 o valor nominal das importações totais apresentaria uma queda média anual de 0,5%aa em contraste com a queda de 1,1%aa prevista no cenário básico.

O aumento da receita com exportações de açúcar, que se verifica neste cenário, pode ser atribuído a um efeito perverso do aumento do preço internacional do petróleo. A consequente elevação do preço da gasolina tenderia a reduzir a demanda por álcool anidro utilizado na mistura álcool/gasolina em proporções fixas. Por outro lado, esta elevação moderada do preço do petróleo importado, ao refletir-se sobre os preços da gasolina, não é suficiente para induzir a substituição do derivado de petróleo pelo álcool hidratado na composição da frota de veículos movidos à álcool que permaneceria em seu limite mínimo. Com a complementaridade da demanda por álcool anidro prevalecendo sobre a substitutibilidade da demanda por álcool hidratado, reduz-se a demanda global por álcool. Aos preços internacionais do açúcar, fixados exógenamente, é estimulada a substituição do lado da oferta, no sentido de uma mais intensa produção de açúcar, gerando maior excedente exportável. Por este motivo a receita de exportações cresce neste cenário entre 1982 e 1985 a uma taxa média de 10,2%aa, que é ligeiramente superior à taxa projetada para o cenário básico.

~~O aumento dos dispêndios com as importações de petróleo,~~ não compensado pela elevação da receita de exportações, amorteceria a trajetória crescente dos saldos da balança comercial. Projeta-se, neste cenário, um superavit comercial de US\$ 8,388 bilhões em 1985 em contraste com a estimativa de US\$ 8,716 bilhões obtida no cenário anterior. O impacto dos maiores preços do petróleo sobre o comportamento do saldo em conta corrente e da dívida externa líquida seria mais pronunciado. O déficit em conta corrente

cairia, neste cenário, de US\$ 8,194 bilhões em 1983 para US\$ 3,438 bilhões em 1985, enquanto a dívida externa líquida em dólares correntes atingiria no final de 1985 o valor de US\$ 77,4 bilhões.

O contínuo aumento dos preços reais do petróleo na segunda metade da década distancia de forma mais significativa as projeções geradas nestes dois cenários. A acentuada elevação no período do custo da energia para o setor industrial, que se percebe na Figura 4, provoca uma gradual aceleração do crescimento destes preços. A taxa de crescimento projetada para os preços industriais atinge 119,9% aa entre 1986 e 1990 e a taxa média de inflação, medida em termos do IPA-DI, alcançaria 120,0%aa no mesmo período. Estas taxas representam aproximadamente um adicional de 15 pontos percentuais sobre as taxas previstas no cenário básico.

Em termos da balança comercial observa-se que o aumento da taxa média de crescimento das importações nominais para 14,7% aa, prevista neste cenário, seria suficiente para reverter no final da década o perfil ascendente do superavit comercial do cenário anterior. O deficit em conta corrente, que cresce vertiginosamente na segunda metade da década, atingiria US\$ 7,337 bilhões em 1990 em contraste com o valor de US\$ 3,879 bilhões projetados para o cenário básico. Esta evolução do saldo em conta corrente seria responsável por um acréscimo em termos nominais de aproximadamente US\$ 10 bilhões na dívida externa líquida ao final de 1990.

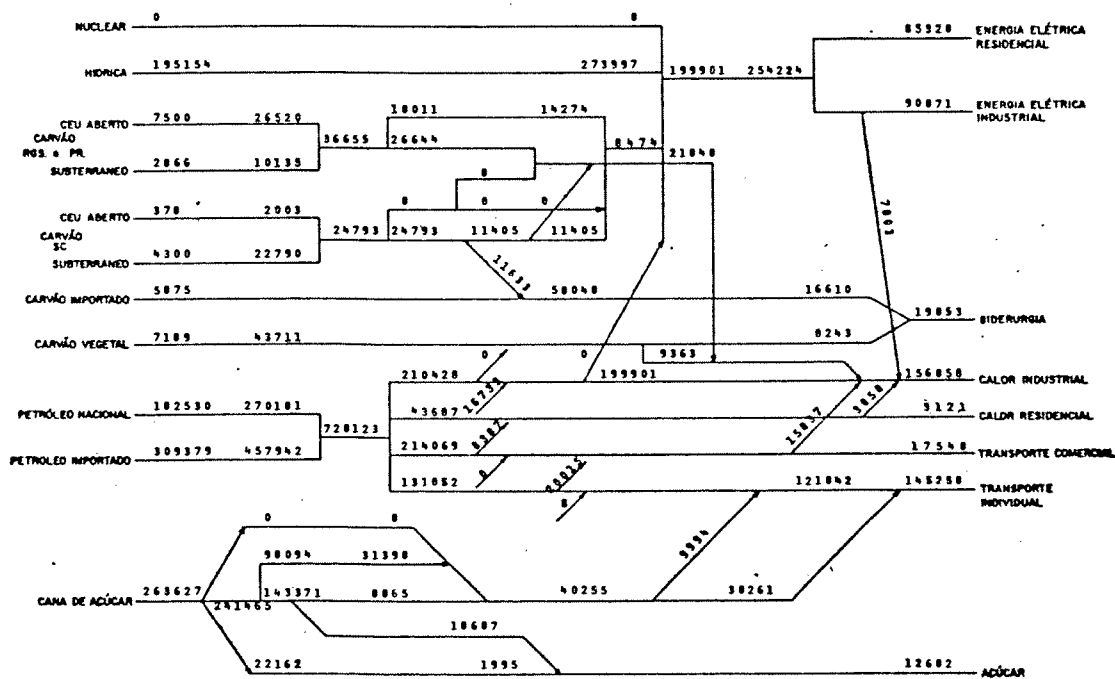
Em relação a evolução das variáveis do setor energético, observa-se que os preços superiores para o petróleo deste cenário tenderiam a sobrepujar a conservação e a substituição da energia importada verificadas para o cenário base. Os maiores preços para o petróleo, ao se propagarem pela rede representativa dos fluxos energéticos, induziriam um menor consumo de energia nas utilizações finais de determinação endógena, tais como: a eletricidade industrial, o calor residencial e industrial e o transporte individual. Para as fontes primárias o efeito dos preços mais elevados para o petróleo não é previsível a priori, dependendo da predominância da complementaridade ou da substitutibilidade que caracterizam as diversas utilizações associadas a mesma fonte de energia.

Verifica-se que, entre 1982 e 1985, as alterações na configuração ótima do setor energético, em contraste com os resultados do cenário básico, são marginais. A pequena distância que separa as duas trajetórias para o preço internacional do petróleo não seria suficiente para promover neste período uma modificação profunda na estrutura setorial. Assim, atingir-se-ia o ano de 1985 com as importações de petróleo ao nível médio de 575 mil barris por dia, o que representaria uma redução adicional de 13 mil barris por dia em relação ao cenário anterior. Esta modesta economia no volume de importações de petróleo poderia ser atribuída quase que exclusivamente à conservação da energia através do mecanismo dos preços, uma vez que são desprezíveis as mudanças do padrão de consumo de fontes primárias.

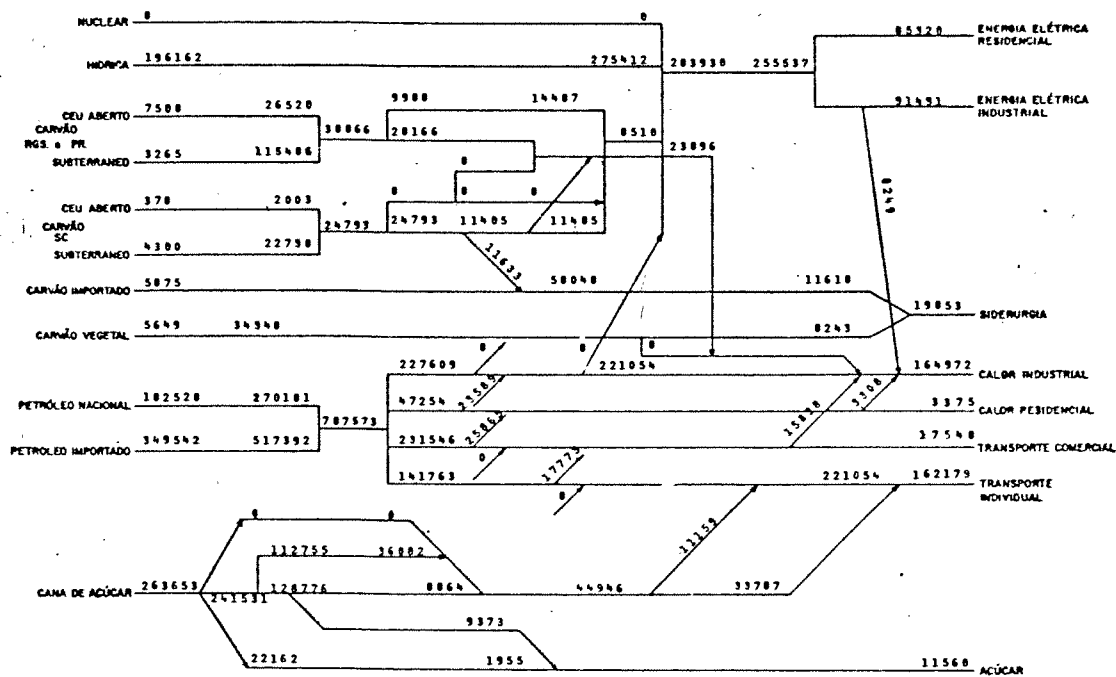
Na segunda metade da década, quando, dada a hipótese de evolução da inflação mundial, os preços internacionais do petróleo crescem à taxa média de 3% aa em termos reais, verifica-se uma tendência mais acentuada a substituição do petróleo importado por carvão mineral e vegetal. No entanto, os limites técnicos máximos impostos à utilização de fontes alternativas, ainda que relaxados no decorrer do horizonte de planejamento, impedem a substituição efetiva. Em consequência, a estrutura do setor energético não sofreria transformações radicais em relação ao cenário básico. Ilustrando esta assertiva, a configuração ótima do setor energético nacional para o ano de 1990 é apresentada na Figura 9.

O contraste entre as Figuras 8 e 9 demonstra a relativa estabilidade dos fluxos energéticos neste cenário em relação ao cenário básico. O volume de importações de petróleo projetado para o ano de 1990 é, em termos médios, 848 mil barris por dia, ou seja, 55 mil barris por dia inferior ao previsto no cenário básico. Observam-se ainda, para 1990, em relação ao cenário-básico, ligeiras ampliações dos excessos de oferta de carvão mineral originário do Rio Grande do Sul e Paraná e de carvão vegetal, em virtude do menor consumo de energia para a geração de calor no setor industrial.

Uma vez que a disponibilidade e os limites técnicos à utilização de fontes primárias alternativas limitariam a efetiva substituição do petróleo, os preços de importação mais elevados se refletem através de um aumento substancial dos preços implícitos e explícitos das fontes e dos usos de energia em termos reais.



CONFIGURAÇÃO ÓTIMA DO SETOR ENERGÉTICO-ANO 1990
(CENÁRIO ALTERNATIVO A)
FIGURA 9



CONFIGURAÇÃO ÓTIMA DO SETOR ENERGÉTICO-ANO 1990
(CENÁRIO ALTERNATIVO B)
FIGURA 10

É através de preços mais elevados que torna-se possível estabelecer um novo equilíbrio entre a oferta e demanda. Este efeito é percebido mais nitidamente na segunda metade da década, quando o preço internacional do petróleo cresce em termos reais à taxa média de 3% aa. Neste período os aumentos médios dos preços implícitos reais da energia para calor industrial, residencial e, transporte comercial e individual são da ordem de 2,3%, 2,0%, 2,4% e 1,8% aa respectivamente. Esta elevação dos preços implícitos pode ser contrastada com as projeções obtidas para o cenário-básico apresentadas na Tabela 5. No caso do calor industrial a evolução do preço implícito neste cenário pode ser visualizada também através da Figura 4.

V.3 - Cenário Alternativo B

Neste cenário o comportamento das variáveis macroeconômicas seria simétrico ao do Cenário Alternativo A. Os menores preços para o petróleo importado reforçariam a queda projetada, para o cenário básico, do custo da energia para o setor industrial, atribuída à maior disponibilidade de fontes primárias alternativas a custos competitivos na primeira metade da década. Os menores custos da geração do calor, verificados na Figura 4, seriam responsáveis por taxas de crescimento dos preços industriais decrescentes no decorrer do horizonte de planejamento. A taxa média de crescimento dos preços industriais no período 1982-85 é projetada em cerca de 106% aa. No ano de 1985 a taxa de elevação dos preços industriais romperia a barreira dos 100%, situando-se em torno de 98,4%.

A pressão deflacionária que se exerce sobre os preços industriais seria parcialmente compensada por um ligeiro aumento dos preços reais da cana-de-açúcar, entre 1983 e 1985, devido à predominância, neste período, da complementaridade entre estas fontes primárias. A pequena pressão inflacionária sobre os preços agrícolas, que se observa na Figura 5 amenizaria a queda da taxa de inflação, projetada entre 1982 e 1985. Neste período, a taxa média de inflação é projetada em 104,8%aa, o que representaria uma redução de aproximadamente 2,6%aa em relação ao cenário básico.

Os gastos com importações de petróleo cairiam neste cenário, à taxa média de 5,4% aa entre 1982 e 1985, em contraste com a queda média anual projetada para o cenário básico. Note-se que a diferença entre estas duas taxas médias de crescimento das importações nominais (aproximadamente 1% aa) é inferior ao diferencial entre as taxas médias de crescimento dos preços do petróleo nos dois cenários (aproximadamente 2,3%aa). Este resultado pode ser atribuído a um menor estímulo à substituição da energia importada em decorrência de preços internacionais inferiores.

Enquanto o valor nominal das importações totais apresentaria uma queda média anual de 1,5% entre 1982 e 1985, as exportações nominais cresceriam à taxa média de 10,2%aa, apesar da ligeira queda da receita de exportações de açúcar. Esta evolução das importações e exportações nominais reforçaria a tendência crescente dos saldos comerciais do cenário básico na primeira metade da década. O superavit comercial atingiria neste cenário US\$8,953 bilhões em 1985. Este

comportamento mais favorável da balança comercial reflete-se em menores deficits em conta corrente e numa atenuação do processo de endividamento externo. O deficit em conta corrente projetado para 1985 é de cerca de US\$ 2,757 bilhões enquanto a dívida líquida é da ordem de US\$ 76 bilhões.

A queda do preço real do petróleo importado na segunda metade da década, e por conseguinte, do custo da energia, segundo a Figura 4, resultaria numa redução da taxa média de crescimento dos preços industriais para 91,5% aa. Em termos da taxa de inflação, medida pelo IPA-DI, a média para o período 1986-90 é projetada em 91,6%aa, o que representaria uma redução de 13,8%aa em relação ao cenário básico.

Ainda na segunda metade da década o crescimento mais moderado dos dispêndios com importações, a taxa média de 12,2%aa, geraria superávits comerciais crescentes. Em consequência, o deficit em conta corrente projetado, em queda vertiginosa neste período, reduz-se a US\$ 1,094 bilhões em 1990. A dívida externa líquida ao final de 1990, seria, então, inferior em US\$ 8 bilhões à projeção obtida sob as hipóteses do cenário básico. O quociente dívida-líquida/expoções, em acentuado declínio, atingiria o nível de 1,79 no final do horizonte de planejamento.

No tocante às variáveis do setor energético, o impacto de preços inferiores para o petróleo importado é aproximadamente simétrico aos resultados observados para o Cenário Alternativo A. Os menores preços do petróleo tenderiam a inibir o

o processo de conservação e substituição da energia importada. Em consequência da perda de competitividade, reduzir-se-ia o consumo de energia originária de fontes primárias alternativas. Por outro lado, ampliar-se-ia o consumo de energia nas utilizações finais.

De forma análoga ao Cenário Alternativo A, as modificações que se verificam na configuração ótima do setor energético em relação ao cenário-básico são, neste caso, pequenas. Na primeira metade da década, os preços mais favoráveis para o petróleo eliminariam, a partir de 1984, a utilização do carvão vegetal para a geração de calor no setor industrial. A superior disponibilidade de óleo combustível, em decorrência de maiores volumes para as importações de petróleo bruto e do derivado, supriria os requisitos de energia para esta utilização. Em 1985 as importações de petróleo bruto atingiriam a média de 600 mil barris por dia. Neste mesmo ano, a participação de óleo combustível alcançaria 82% do consumo de energia em calor industrial. A substituição do carvão vegetal, nesta utilização, contribuiria para ampliar o excesso de oferta desta fonte primária para 61% da disponibilidade no ano de 1985, em contraste com os 72% projetados para o cenário-básico.

Na segunda metade da década a queda dos preços internacionais do petróleo, a taxa média de 3%aa em termos reais, contribuiria para uma mais acelerada expansão do consumo de energia nas categorias de calor industrial e residencial e transporte comercial e individual. Neste cenário as taxas médias de crescimento do consumo de energia nestas utilizações estariam situadas na faixa de 5% a 8% aa, entre 1985 e 1990.

A configuração ótima do setor energético nacional para o ano de 1990 é detalhada na Figura 10. Observa-se, que neste ano as importações de petróleo atingiriam envolume a média de 958 mil barris por dia. Em contraste com os resultados obtidos para o cenário-básico para o mesmo ano, o excesso de oferta ampliar-se-ia para o carvão vegetal para 62% e reduzir-se-ia para o carvão mineral originário do Rio Grande do Sul e Paraná para 82%. O consumo adicional de carvão mineral em relação ao cenário-básico é destinado ao suprimento da demanda incremental de energia para a geração de calor no setor industrial, mantendo-se inalterada sua participação no limite técnico máximo, fixado em 8,4%. Verifica-se ainda, um maior volume de importações de óleo combustível, correspondente a 9,4% da oferta o que, em conjunto com o maior volume de petróleo bruto importado e refinado, contribuiria para uma elevação da participação do derivado na composição da energia consumida pelo setor industrial.

Os preços inferiores do petróleo importado ao se propagarem pela rede do setor energético nacional resultariam em menores preços implícitos e explícitos para as fontes alternativas e para as utilizações do petróleo no decorrer do horizonte de planejamento. Na medida em que a queda do preço do petróleo em relação ao cenário-básico estimularia o seu consumo em detrimento das fontes alternativas, cujos níveis de utilização, em casos como o carvão vegetal para a geração de calor, tomar-se-iam inferiores aos limites técnicos máximos de substituição, seria amortecido o efeito sobre os preços implícitos das formas finais de energia. Assim, na segunda metade da década, quando o preço do petróleo importado

decrece à taxa média de 3% aa em termos reais, os preços da energia para a geração de calor industrial e residencial e para o transporte comercial e individual apresentariam uma queda média anual de 2,7%, 2,2%, 2,8% e 1,4%aa respectivamente. Este cenário acentuaria, portanto, as quedas dos preços da energia para as categorias de transporte comercial, calor residencial e industrial e reverteria a elevação do preço para o transporte individual, projetadas para o cenário-básico.

REFERÊNCIAS

- Abreu, M.P. e M.H. Horta, "Demanda de Importações no Brasil, 1960-1980: Estimacões Agragadas e Desagregadas por Categoria de Uso e Projeções para 1982", Texto para Discussão Interna, nº 48, INPES/IPEA, Rio de Janeiro, 1982.
- Bacha, E.L. Análise Macroeconômica: Um Texto Intermediário, série PNPE, nº 6, INPES/IPEA, Rio de Janeiro, 1982.
- Bacha, E.L. e F.L. Lopes, "Inflation, Growth and Wage Policy: A Brazilian Perspective", Journal of Development Economics, em publicação.
- Cardoso, E. e R. Dornbusch, "Uma Equação para as Exportações Brasileiras de Produtos Manufaturados", Revista Brasileira de Economia vol.34, nº 3, pp 429-437, 1980.
- Cardoso, E. A., "Food Supply and Inflation", Journal of Development Economics, vol.3, pp.269-284, 1981.
- Christensen L.R., D.W. Jorgenson e L.J. Lau, "Transcendental Logarithmic Production Frontiers", Review of Economics and Statistics, vol. 55, 1973.
- Connolly T.J., G.B. Dantzig e S.C. Parikh, "The Stanford Pilot Energy/Economic Model", em Advances in the Economics of Energy and Resources, R.S. Pindyck (ed.), Jai Press Inc., Connecticut, pp 77-103, 1979.
- Data Resources, Inc., "The Data Resources Energy Model: Model Description", mimeo, Lexington, Massachusetts, julho 1976.
- Dib M.F.S.P., "Equações para a Demanda de Importações, Brasil: 1960-1979", Revista Brasileira de Economia, vol. 35, nº4, 1981.
- Goldstein, M. e M.S.Khan, "The Supply and Demand for Exports: A Simultaneous Approach", The Review of Economics and Statistics, vol.60, nº2, 1978.

Grinold R.C. "Lagrangean Subgradients", Management Science, vol. 17, pp 185-188, 1970.

Hoffman, K.C., "A Unified Framework for Energy System Planning", em Energy Modeling, M.Searl (ed.), Resources for the Future, Washington D.C., Março 1973.

Hoffman K.C. e D. Jorgenson, "Economic and Technological Models for Evaluation of Energy Policy", The Bell Journal of Economics, vol.8, pp. 444-466, 1977.

Hogan, W.W., "Energy Policy Models for Project Independence". Comput. and Operations Research, 2, pp. 251-271, 1975.

Hudson E.A. e D.W. Jorgenson, "U.S. Energy Policy and Economic Growth, 1975-2000", The Bell Journal of Economics and Management Science, vol.5, pp. 461-514, 1974.

Lara-Resende, A. e F.L.Lopes, "Inflação e Balanço de Pagamentos: Uma Análise Quantitativa das Opções de Política Econômica", Relatório de Pesquisa, PNPE, Rio de Janeiro, 1981.

Lukachinsky, J., P.J. Groncki, R.G. Tessmer Jr., R.J.Goettle IV e E.A. Hudson, "An Integrated Methodology for Assessing Energy-Economy Interactions", mimeo, International Conference on Energy Systems Analysis Dublin, Irlanda, Outubro 1979.

Manne, A.S., "ETA: A Model for Energy Technology Assessment", The Bell Journal of Economics, vol.7, pp. 379-406, 1976.

Manne, A.S., "ETA-MACRO: A Model of Energy-Economy Interactions", em Advances in the Economics of Energy and Resources, R.S. Pindyck (ed.), Jai Press Inc., Connecticut, E.U.A., pp 205-234, 1979.

- Modiano, E.M., "Energia e Economia: Um Modelo Integrado", Relatório de Pesquisa, PUC/RJ, Rio de Janeiro, 1982.
- Modiano, E.M., "Consequências Macroeconômicas da Restrição Externa de 1983: Simulações com um Modelo Econométrico para a Economia Brasileira", mimeo, Departamento de Economia, PUC/RJ, Rio de Janeiro, Maio 1983.
- Musalem, A.R., "Política de Subsídios e Exportações de Manufaturados no Brasil", Revista Brasileira de Economia, vol.35, nº 1, pp. 17-41, 1981.
- Shapiro, J.F., "Decomposition Methods for Mathematical Programming/Economic Equilibrium Energy Planning Models", TIMS Studies in the Management Sciences, 10, Energy Policy, North Holland, pp 63-76, 1978.
- Taylor, L., "Structuralist Macroeconomics: Applicable Models for the Third World", mimeo, Massachusetts Institute of Technology, Mass., 1982.

Textos para Discussão

Departamento de Economia PUC/RJ

1980/1983

1. Lara Resende, A. "Imcompatibilidade Distributiva e Inflação Estrutural" (esgotado)
2. Malan, Pedro S. "Desenvolvimento Econômico e Democracia: A Problemática Mediação do Estado" (esgotado)
3. Bacha, E.L. "Notas sobre Inflação e Crescimento: Um Texto Didático" (esgotado)
4. Lopes, Francisco L. "On The Long-Run Inflation-Unemployment Trade-Off" (esgotado)
5. Williamson, J. "World Stagflation and International Monetary Arrangements" (esgotado)
6. Lara Resende, A. e Lopes, Francisco L. "Sobre as Causas da Recente Aceleração Inflacionária" (esgotado)
7. Camargo, J.M. "A Nova Política Salarial, Distribuição de Rendas e Inflação"
8. Bacha, E.L. e Alejandro C.D. "Financial Markets: A View from the Periphery"
9. Modiano, E.M. e Lopes, Francisco L. "Dilemas da Política Energética"
10. Bacha, E.L. e Lopes, Francisco L. "Inflation, Growth and Wage Policy: In Search of a Brazilian Paradigm"
11. Monteiro, J.V. "A Economia do Crescimento do Setor Público"
12. Modiano, E.M. "A Three-Sector Model of a Semi-Industrialized Economy"
13. Modiano, E.M. "Derived Demand and Capacity Planning Under Uncertainty" (Revised edition)
14. Lopes, Francisco L. "Rational Expectations in Keynesian Macro-Models"
15. Camargo, J.M. "Reflexões sobre o Ensino de Economia"
16. Camargo, J.M. "Brazilian Size Distribution of Income and Governmental Policies"
17. Modiano, E.M. "Energy Prices, Inflation and Growth"
18. Modiano, E.M. "Estratégias de Racionamento: Uma Generalização"
19. Bacha, E.L. "Recessão, Balanço de Pagamentos e Crescimento"
20. Fritsch, W. "Brazilian Economic Policy During the World Post-War Boom and Slump 1919-1922"
21. Bonelli, R. e Cunha, P.V. "Distribuição de Renda, Estrutura de Consumo e Produção: Uma Análise Multi-Setorial da Economia Brasileira para o Período de 1970/1975"
22. Arida, P. "The Division of Labour as a Search Process"

37. Figueira, F.L. e F.M. Modiano " Inflação; Choque Externo e Nível de Atividade: Notas Sobre o Caso Brasileiro"
38. Eacha, E.L. "A Contribution to the Critique of Southern Cone Monetaryism" (esgotado)
39. Carneiro, D.D. "Motivação Social e Contribuição Científica na Obra de Walras" (esgotado)
40. Lara Resende, A. "A Crise no Mercado Internacional de Crédito e o Endividamento Externo do Brasil: Uma Avaliação da Situação Atual"
41. Arida, P. "Minorias Desafortunadas e Minorias Afluente: Uma Nota Sobre o Caracter Bilateral da Discriminação"
42. Eacha, E.L. "Complementação versus Integração: Estilos Latino-Americanos de Abertura Financeira no Exterior"
43. Werneck, R.F. "Expansão de Exportações, Substituição de Importações e Crescimento Setorial: A Experiência dos Anos 70"
44. Fritsch, W. "Latin American Exports and U.S. New Protectionism: A Retrospect and an Agenda for Negotiations in the Eighties"
45. Modiano, E.M. "A Dinâmica de Salários e Preços na Economia Brasileira: 1966/81"
46. Camargo, J.M., e F.L.P. Serrano "Os Dois Mercados: Homens e Mulheres na Indústria Brasileira"
47. Arida, P. "Asfixia Cambial e Balança Comercial - I. A Economia Planificada"
48. Werneck, R.L.F. "A Multisectoral Analysis of the Structural Adjustment of the Brazilian Economy in the 1980's"
49. Modiano, E.M. "Consequências Macroeconômicas da Restrição Externa de 1983: Simulações com um Modelo Econométrico para a Economia Brasileira"
50. Camargo, J.M. "Salário Real e Indexação Salarial no Brasil 1969-1981"
51. Frenkel, R. "La Dinámica de los Precios Industriales en la Argentina 1966-1982 un Estudio Econométrico"

Notas Didáticas
Departamento de Economia FUC/RJ
1980/1983

- 1,2,3,4,5,6 e 7. Bacha, E.L. "Análise Macroeconômica: Uma Perspectiva Brasileira"
4. Camargo, J.M. "A Evolução do Sistema Econômico" (esgotado)
8. Lopes, Francisco L. "O Processo Inflacionário: Noções Básicas"
9. Lopes, Francisco L. "A Dimensão Temporal da Análise Macroeconômica"
10. Taylor, L. "Structuralist Macroeconomics: Applicable Models for the Third World"